

VILLA DA FEIRA

TERRA DE SANTA MARIA

ano xvii • número 51 • Fevereiro 2019



Quadrimestral - 15 euros

 **LAF**
LIGA DOS AMIÇOS DA FEIRA

**O MUSEU DE SANTA MARIA DE LAMAS,
POPULARMENTE CONHECIDO POR
“MUSEU DA CORTIÇA”**

José Carlos de Castro Amorim*

Susana Gomes Ferreira**



**História de um Museu situado em solo lamacense (St.^a M.^a de Lamas, Concelho de St.^a M.^a da Feira),
cuja reorganização museológica e museográfica revelou um acervo peculiar, vasto e valioso, resultante do
“vício” colecionista e “fortuna corticeira” de Henrique Alves Amorim (1902-1977) – Partes 3 & 4**



Fachada exterior do Museu de Santa Maria de Lamas - Estrutura arquitetónica remontante às décadas de 50 e 60 do século XX.
Com possível término e inauguração final datáveis de 1968 © MSML.

*José Carlos de Castro Amorim é Historiador da Arte / Téc. Sup. de História da Arte do Museu de St.^a M.^a de Lamas desde 2010.

**Susana Patrícia Gomes Ferreira é Conservadora do Museu de St.^a M.^a de Lamas desde 2005.

Capítulo III - «Das trevas à luz»: o Projeto de Reorganização Museológica e Museográfica do Museu de Santa Maria de Lamas (2004-2018)

(Por Susana G. Ferreira)

Decorria o ano de 2003 quando foi estabelecido o primeiro contacto entre a Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, entidade tutelar do Museu de Santa Maria de Lamas (MSML), e a Universidade Católica Portuguesa (UCP), com o objetivo de devolver ao MSML a “luz” transformada em trevas desde o desaparecimento do seu Fundador em 1977.

Revelando profundo sentido de interesse e responsabilidade perante o Património, a direção da Casa do Povo celebrou um protocolo (entre janeiro de

2004 e julho de 2005), com o Departamento de Arte e Conservação e Restauro da UCP, com vista à orientação do relançamento, conservação, restauro e respetiva reestruturação deste equipamento cultural de Santa Maria da Feira.

A equipa multidisciplinar então reunida para dar resposta a este desafio, estava longe de calcular a complexidade do proposto. Numa primeira visita ao Museu, que mais parecia um armazém, foi desde logo perceptível que muitas seriam as dificuldades do trabalho. Próprias de um espaço dotado ao abandono há décadas, com profundos problemas estruturais e estruturantes, numa total desadequação às exigências da museologia atual.



Figs. 1 e 2 - Sala de Nossa Senhora do Ó na sua essência pristina (década de 60 do século XX); e sua configuração no início do Protocolo (2004).

A par das alterações substanciais à sua organização original (Figs. 1 e 2), existia um desconhecimento efetivo do acervo, diversos problemas inerentes à sua conservação preventiva (Fig. 3), tratamentos cientificamente pouco corretos à superfície das obras, particularmente na coleção de imaginária religiosa (Figs. 4 e 5). E, sobretudo, uma ausência de plano para a sua valorização e interpretação (Fig. 6).

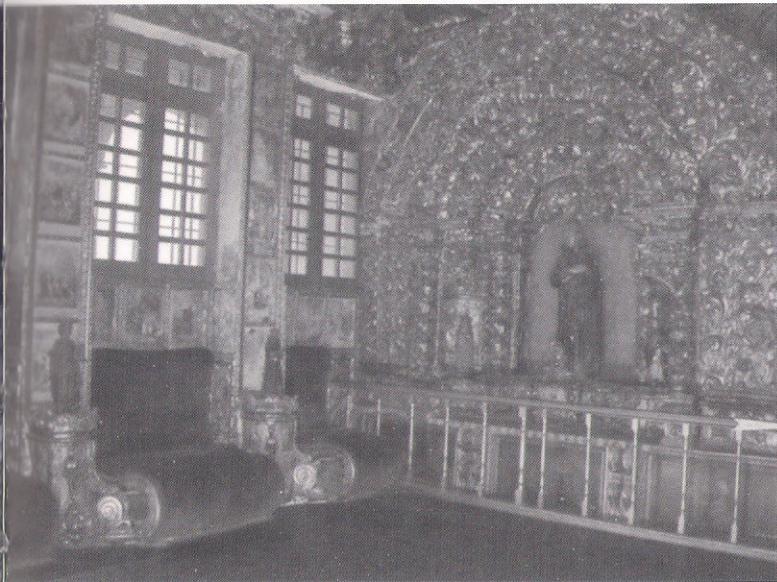


Fig. 3 – Sala dos Evangelistas em 2004.



Fig. 4 – Nossa Senhora do Ó antes da intervenção de conservação e restauro.



Fig. 5 – Santa Escolástica, num pormenor representativo do seu estado e patologias antes da intervenção de conservação e restauro.

Os objetivos estratégicos do Protocolo foram delineados e pautaram o trabalho a desenvolver:

1. Conhecimento/ Avaliação/ Diagnóstico - Investigação sobre a origem das peças, seu enquadramento histórico e estilístico, inventariação científica e diagnóstico do estado de conservação das mesmas;

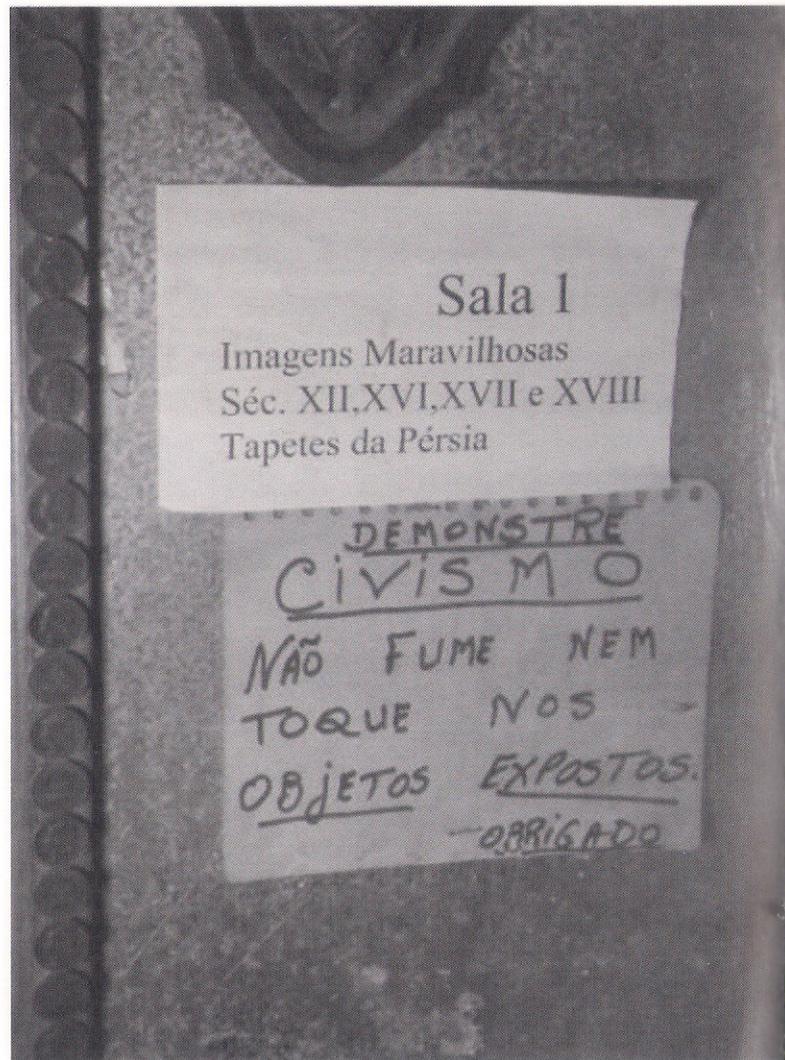


Fig. 6 – Sinalética existente no MSML em 2004.

2. Definição de públicos/ Projeto de Exposição/ Divulgação - Prever, através dos diferentes públicos, quais as melhores formas de preparar o visionamento e o acesso a informação relativamente às peças, de modo a que o contacto com estas constituísse uma experiência de enriquecimento cultural e valorização das mesmas;

3. Proteção /Conservação/ Restauro

Necessidade de enquadrar, do ponto de vista da conservação preventiva, as condições físicas de exposição das peças: iluminação, controlo ambiental, acondicionamento (no caso de reserva), suportes de exposição, de forma a garantir a sua preservação, bem como, definir prioridades relativamente a operações de conservação e restauro.

Desde logo, fomos confrontados com a ausência de informação quanto aos princípios programáticos da criação do MSML, a inexistência de um inventário credível, a par de uma total ausência de elementos interpretativos ao nível dos espaços e obras. Os primeiros meses de trabalho foram exclusivamente dedicados à investigação sobre o Museu e suas coleções, bem como, à materialização do inventário. Partindo da escassa informação existente, iniciamos uma nova fase no que respeita à documentação museológica do MSML

com vista à criação de um arquivo dotado de informação relativa a: legislação; procedimentos museológicos; notícias relativas ao MSML e respetivo enquadramento retiradas da imprensa e roteiros locais. Assim como, o estudo e investigação das diversas coleções com vista à realização de um inventário metódico e científico das mesmas. Um dos pontos onde a informação se evidenciou extremamente deficiente foi no que concerne à proveniência das peças. Pelas mesmas fichas de inventário existentes (Fig. 7), verificamos que o Fundador do Museu recorreu essencialmente ao mercado de arte nacional, diretamente em espaços religiosos intervencionados por ação clerical ou da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), hastas públicas, “residências particulares” ou antiquários, situados no Porto, Póvoa de Varzim, Braga, Viseu ou Vila Nova de Famalicão.

Museu de Santa Maria de Lamas		N.º INV. 229
OBJECTO <i>Rezeiro</i>	DATA DA ENCORPORAÇÃO <i>1962</i>	N.º CAD. _____
MATÉRIA <i>madeira com pintura</i>	NÚMEROS DE INVENTÁRIO <i>229</i>	N.º CAT. _____
DIMENSÕES <i>Cruz: 1,11 x 0,69 m.</i>	PROVENIÊNCIA <i>Antiquário Porto</i>	
ESCOLA E ÉPOCA _____	CONSERVAÇÃO <i>num estubo</i>	
AUTOR _____	COLOCAÇÃO NO MUSEU <i> sala nº 11</i>	
ASSUNTO <i>Religioso</i>		
DESCRIÇÃO		
<i>Adquirido em loja de antiquário no Porto.</i>		

Fig. 7 – Exemplo de ficha de inventário primitiva, existente no Museu e alusiva às práticas que daqui se seguiam antes do início do protocolo e respetiva intervenção.

Após o diagnóstico inicial e realizado um primeiro arrolamento do espólio integrado no MSML, cedo percebemos que estávamos perante um Museu com características únicas, pelo facto de preservar a marca do seu fundador e o programa original, sendo uma memória do "homem novo" e da ideologia nacional do início do século XX.

Denotando a evidente preocupação do seu fundador em transportar para o microcosmos do Museu, a sua mundividência, reproduzindo com uma clara preocupação de cultivar a mente dos habitantes locais, algumas obras de arte mais representativas da identidade nacional e europeia, muitas delas concretizadas

em cortiça, de modo a enaltecer e exponenciar o valor desta matéria-prima, trabalhada com particular mestria. Refira-se que esta tipologia de Museus tem a sua origem nos "Gabinetes de Curiosidades" dos séculos XV e XVI, sendo um exemplo vivo de museografia histórica, marcado pelo corte sincrónico no tempo, onde domina o gosto do colecionador. Também outros Museus no Mundo, *Museu Cerralbo* (Madrid), *Museu Stibbert* (Florença), o *Museu Sir John Soane* (Londres), o *Museu Cau Ferrat de Sitges* e *Museu Lázaro Galdiano* (Madrid), o *Museu da Universidade de Oxford* e o *Museu Calouste Gulbenkian* (Lisboa), seguem estes princípios

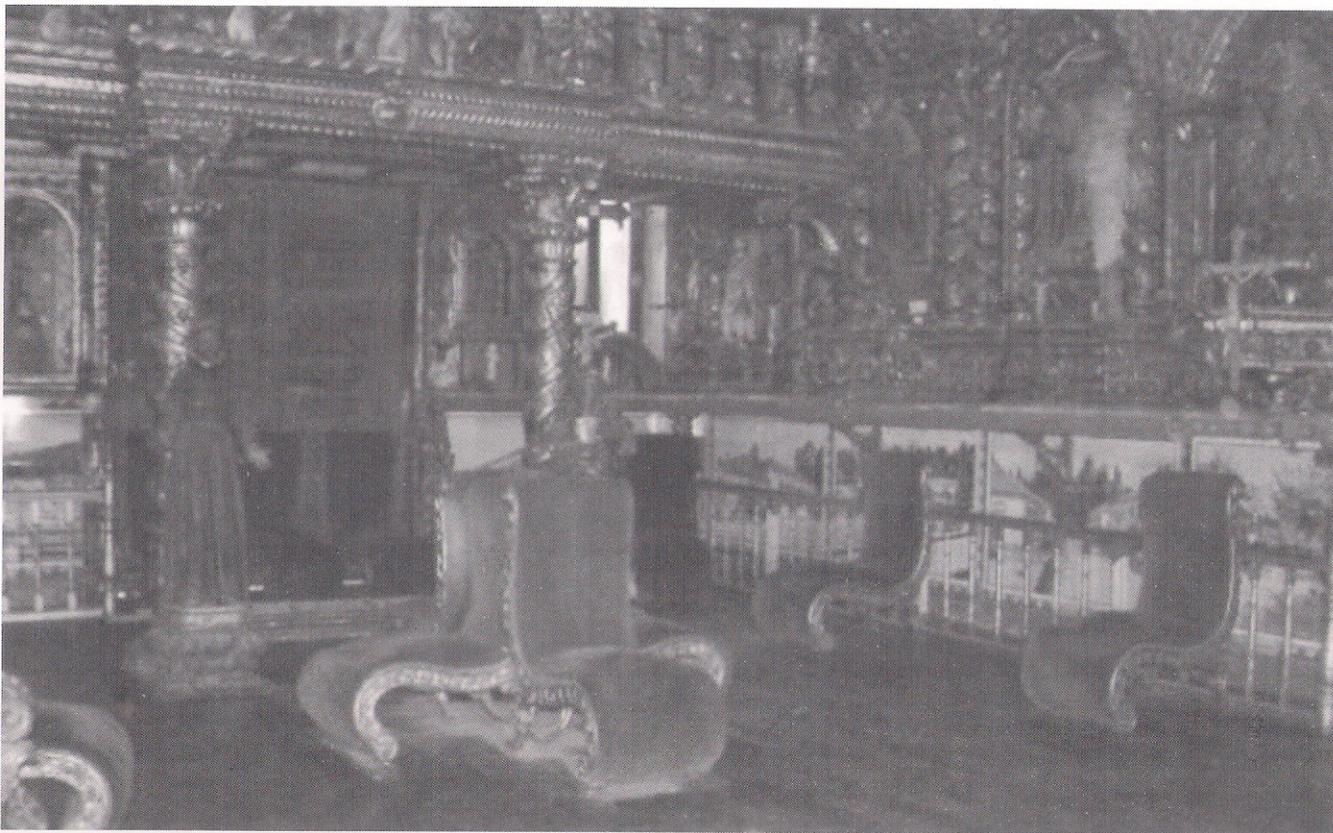


Fig. 8 – Sala da Capela, antes da intervenção em 2004.

programáticos e apresentam as suas coleções expostas na aparente desorganização e caos. É precisamente este espírito que desde então se pretende manter e dinamizar, reforçando a importância do MSML como um caso único da história do colecionismo privado e pessoal em Portugal, de meados do século XX. Bem como do mercado de arte e, sobretudo, um marco na museologia portuguesa ao tempo do *Estado Novo*.

Considerando a vasta extensão do Museu em obras e espaços, foi proposto ao Museu o tratamento das suas três primeiras salas (Sala de Nossa Senhora do Ó, Sala da Capela e Sala dos Evangelistas - Figs. 2, 3, 8 e 9), e do espaço de acolhimento ao visitante, até então inexistente (Fig. 10), através de um projeto-piloto no qual foi possível resolver os primeiros grandes problemas existentes no espaço museológico e que constituiria, em simultâneo, um modelo a aplicar a todo o Museu.

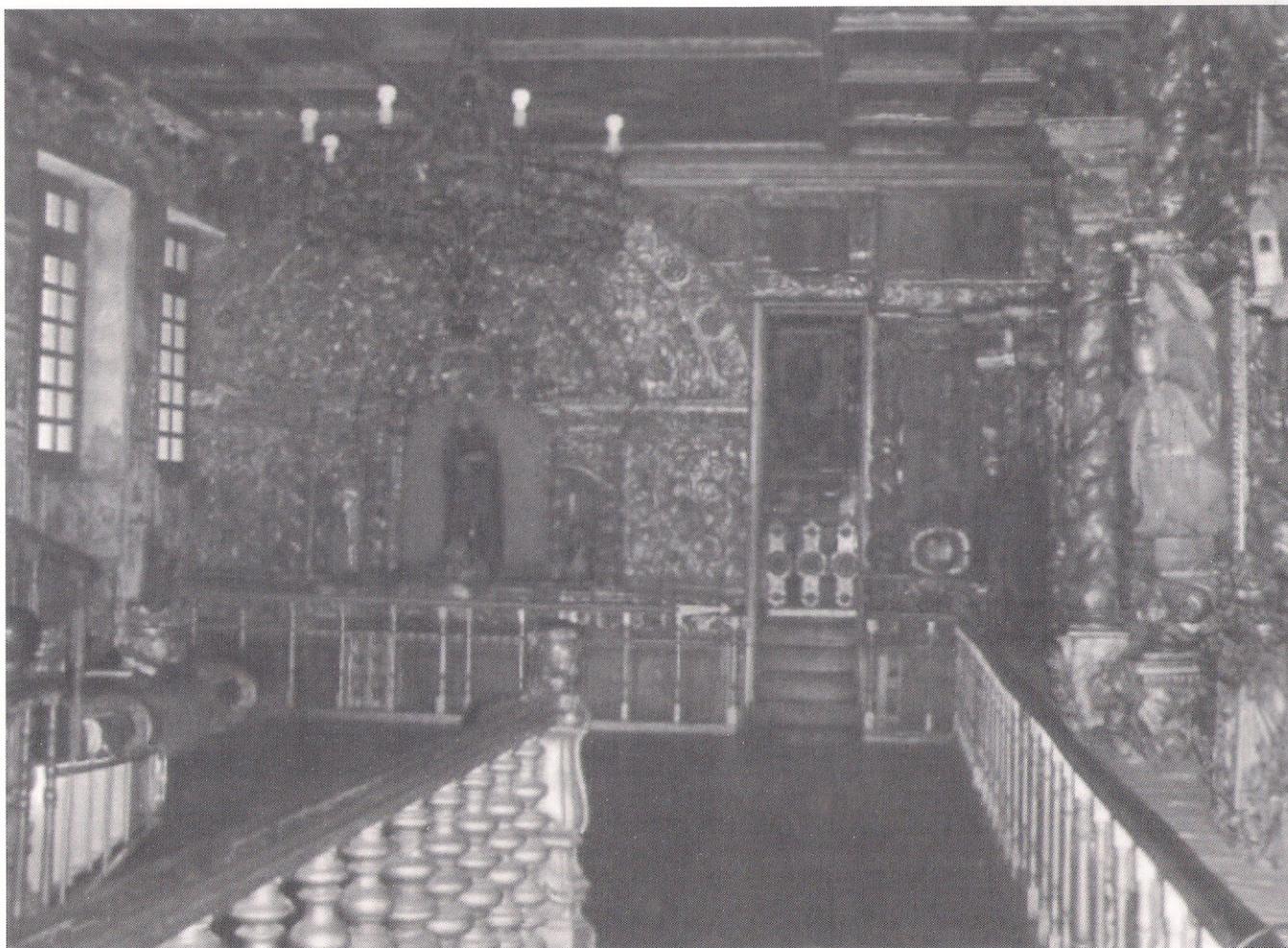


Fig. 9 – Sala dos Evangelistas, antes da intervenção em 2004.



Fig. 10 - Espaço de acolhimento ao visitante antes do início do processo de requalificação do Museu (2004).

Este tratamento, além de considerar os objetivos traçados no protocolo, incluiu a limpeza geral das salas, a sua reorganização expositiva (removendo elementos adicionados sem qualquer critério e/ou qualidade à coleção original), a criação de condições luminotécnicas que respeitassem a conservação das obras e o controle da luz natural (com recurso a estores de pano cru). Tal como, a criação de elementos interpretativos para cada espaço e respetivas obras.

Após estes trabalhos e concluídas as intervenções nas três primeiras salas do Museu e receção (Figs. 13 a 17), com resultados bastantes visíveis, possuíamos dados técnicos para criar uma estratégia alusiva ao renascimento do Museu. E, conseqüentemente, a criação de um Plano Museológico suportado por toda a investigação e resultados obtidos.

Com a criação deste mesmo Plano foi lançada a missão do MSML:

“Inspirar e desafiar a maneira como as pessoas experimentam, exploram e desenvolvem as suas ideias sobre a diversidade do mundo através do uso criativo das coleções do museu e dos seus recursos culturais”

E instituída a sua vocação:

“O MSML, tutelado pela Casa do Povo, é uma instituição de natureza permanente, sem fins lucrativos, criado por Henrique Amorim para o interesse coletivo, com acesso regular ao público, que reúne bens culturais e a informação que lhes está associada, conserva-os, documenta-os, investiga-os, interpreta-os e difunde-os, com objetivos científicos, culturais, educativos e lúdicos, com vista à democratização da cultura, promoção da cidadania e desenvolvimento da sociedade. Pela

sua diversidade e exposição, é um recurso cultural e museológico único, que marca a história do colecionismo privado e pessoal (de meados da centúria de Novecentos), do mercado de arte e da museologia portuguesa ao tempo do Estado Novo. Assume-se como um espaço de reflexão, estudo e investigação de uma

realidade que moldou toda a História de uma terra. O MSML é um espaço socialmente ativo, cultural e pedagogicamente relevante, pela evocação de histórias e estórias, contribuindo dessa forma para aprofundar e divulgar o conhecimento do património.”



Figs. 11 e 12 – Espaço de acolhimento ao visitante criado a partir de uma área até então ocupada com a coleção de numismática.



Fig. 13 – Sala de Nossa Senhora do Ó, após a intervenção (2005).

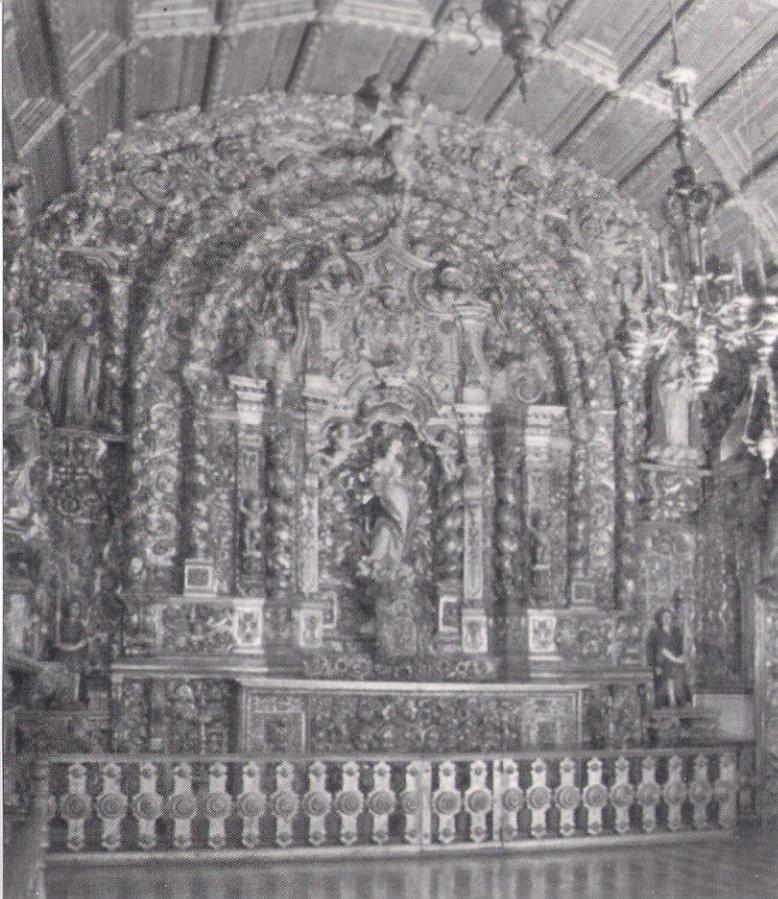


Fig. 14 – Sala da Capela, após a intervenção (2005).

Ainda no decurso do Protocolo, foi acordada a intervenção de dez peças de Imaginária Religiosa Feminina do MSML, de diferentes períodos da História da Arte Portuguesa, pelos alunos do 3º Ano da licenciatura em Restauro da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, sob a orientação do Dr. Filipe Freitas. Surgiu então a oportunidade de dar a conhecer estas peças depois de tratadas, através de uma exposição que conciliasse o objetivo de divulgação do MSML, assim como, dar a conhecer o processo de tratamento das mesmas. Deste modo, em virtude desta primeira fase do projeto de relançamento do Museu surge a exposição *Imaginária Feminina na Arte Sacra: processo de conservação e restauro* patente na Casa-Museu Guerra Junqueiro (Porto), entre julho e setembro de 2005 (Figs.16 e 24). As peças apresentadas nesta exposição, provinham das 3 primeiras salas tratadas do Museu, cumprindo-se através da sua análise e tratamento de conservação



Fig. 15 – Sala dos Evangelistas (pormenor), após a intervenção (2005).

e restauro, o terceiro objetivo proposto no Protocolo, visando igualmente dar a conhecer e criar condições para a captação de novos públicos.

As esculturas selecionadas para a exposição apresentavam graves problemas decorrentes da incúria ao longo de quase 30 anos: poeiras e sujidades aderentes, ataque de insetos xilófagos e consequente fragilização pontual da madeira; desgaste e destacamentos das superfícies policromadas; destacamentos volumétricos; elementos metálicos oxidados; lacunas ao nível da policromia; repintes e redouramentos. Bem como, vernizes alheios às obras com amarelecimento bastante acentuado. O programa dos trabalhos assentou na intervenção de caráter conservativo, seguindo as devidas operações: pré-fixação das superfícies

policromadas e douradas em destacamento; limpeza de sujidades superficiais; desmonte e posterior montagem de elementos a destacar; desinfecção e desinfestação; consolidação e reforço das zonas de madeira fragilizada com fraca resistência mecânica; desoxidação e proteção de elementos metálicos existentes; fixação de elementos volumétricos a destacar; fixação das superfícies policromadas e douradas em destacamento; limpeza química de superfícies policromadas com solventes orgânicos e inorgânicos a testar; reintegração pontual de lacunas volumétricas; preenchimento de lacunas policromadas e douradas e nivelamento dos preenchimentos; reintegração pontual da policromia de forma a restituir uma leitura harmónica do conjunto. E, por fim, aplicação de camada de proteção.



Figs. 16 e 17 - Sala de Exposições Temporárias (Perspetivas gerais).



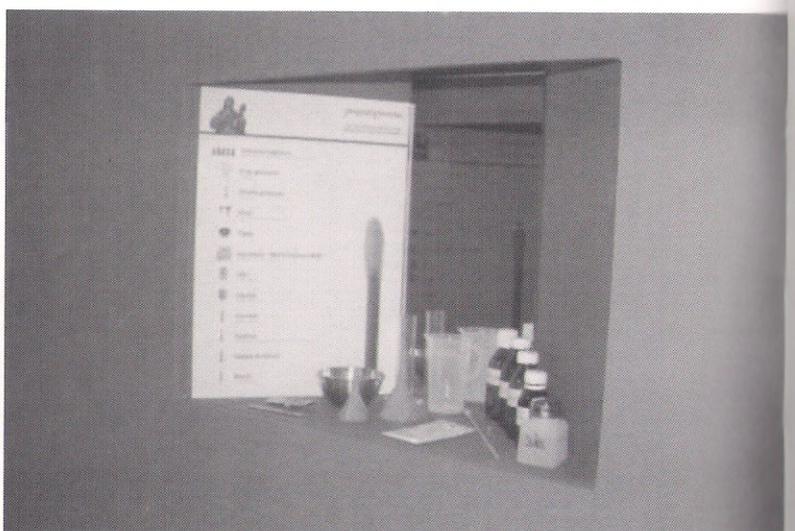
Fig. 17



Figs. 18 e 19 - Pormenores expositivos (imagens recuperadas e painéis explicativos: iconografia, estado de conservação e tratamento efetuado).



Fig. 19



Figs. 20 a 22 - Pormenores expositivos (material utilizado nas intervenções de Conservação e Restauro).

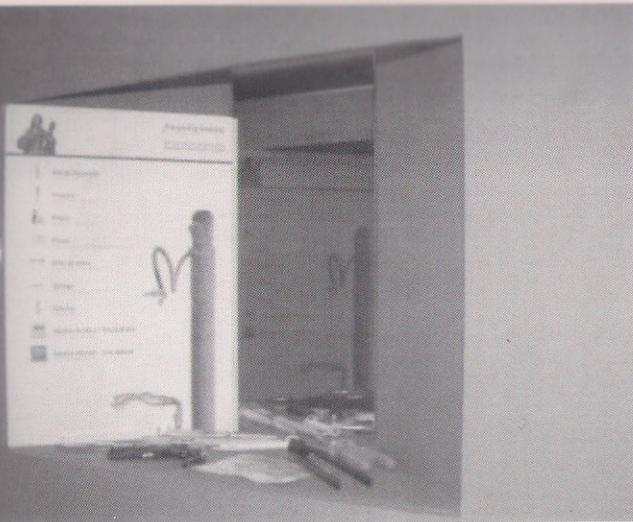


Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23 – Inauguração da exposição.



Fig. 24 – Visita técnica à Exposição (explicação da intervenção realizada na imagem de Nossa Senhora do Ó).

Para promover o renascimento do MSML, primordial foi também a definição de uma imagem clara e distintiva do mesmo. Tal iniciativa passou pela própria redefinição da sua designação, dado que, desde os primórdios o Museu adotou múltiplas denominações. Optou-se por *Museu de Santa Maria de Lamas* sendo então criado

o logótipo (Fig. 25), até ao momento inexistente, inspirado nas arcadas do edifício (Fig. 26), a par de um prospeto divulgativo (Fig. 27), desta nova fase da história do Museu. Assim, o Museu assumiu uma nova identidade focada na recente imagem criada.



Fig. 25 - Logótipo do MSML.



Fig. 26 - Arcadas integradas no Frontispício e arquitetura do MSML, que serviram de inspiração para a criação do logótipo.

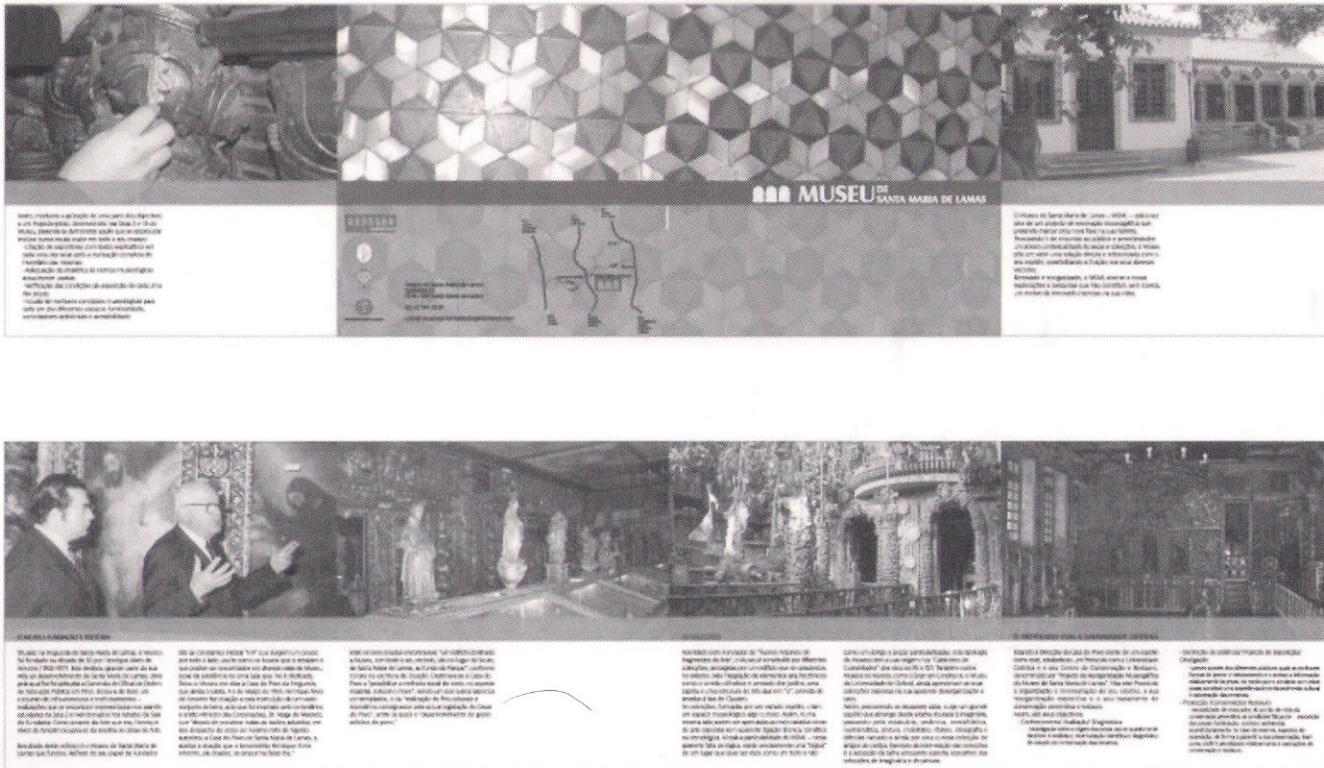


Fig. 27 – Primeiro prospeto do MSML, produzido após o início do protocolo em 2004.

Através do fim do Protocolo com a Universidade Católica em julho de 2005, efetivou-se a formação de um quadro técnico especializado que deu continuidade à implementação do Plano Museológico, assim como a todos os trabalhos de intervenção e conservação; aos estudos interpretativos, com especial preocupação para a melhoria das condições oferecidas ao visitante e à definição de uma nova dinâmica comunicativa de promoção do Museu.

O modelo de tratamento das primeiras salas recuperadas foi aplicado nos restantes espaços da exposição permanente ao nível do piso superior (Sala dos Presépios, Sala dos Oratórios e Galeria do Fundador), residindo a principal preocupação nas questões asso-

ciadas à conservação preventiva. Nomeadamente a iluminação e a segurança, mas também na substituição dos tetos de uma das salas, a Sala dos Oratórios, que se encontravam num irreversível estado de degradação-devido à acumulação de água e conseqüente apodrecimento do suporte.

Especial destaque merece o início da requalificação ao nível do piso inferior, em concreto, as Salas de Etnografia, Ciências Naturais e Estatuária. Tal processo começou pela remoção do espólio integrado nas salas mencionadas e sua colocação nas salas destinadas a reserva. De modo a que fosse possível intervir na estrutura física do edifício, bastante debilitada devido a: infiltrações de águas pluviais e humidade (aos mais diversos níveis),

luz natural não controlada, difíceis condições de isolamento (para o exterior e entre as diversas salas), ataque de xilófagos (pavimento e suportes expositivos),

e pavimento com falhas e lacunas. Aspetos que também contribuíram para a degradação das peças expostas nestas salas (Figs. 28 a 32).



Fig. 28 a 30 – Perspetivas gerais do estado de debilitação das Salas da Estatuária, Etnografia e Ciências Naturais (2006-2007).





Fig. 31 e 32 – Estado de degradação da Sala da Estatuária (2006-2007).

A ação de reestruturação destas salas passou, não só, pela recuperação do espaço físico mas também pela inventariação, estudo e reorganização expositiva das respetivas coleções. Simultaneamente, procurou-se aqui resolver questões museológicas do maior interesse para as obras e para o público. Como sejam, a correta distribuição espacial do espólio integrado, a iluminação e segurança, mas também a questão das acessibilidades (Figs. 33 a 36). Ou ainda, a sinalização do MSML (textos interpretativos, legendagem das peças móveis e sinalética de percurso), de modo a melhorar a orientação do público no percurso expositivo e da mesma maneira tornar mais compreensíveis os conteúdos expostos, de acordo com os objetivos do Plano Museológico já mencionado.

Paralelamente e, de modo a criar uma maior dinâmica e potencializar as coleções do Museu, além dos constantes melhoramentos ao nível museológico e museográfico da exposição permanente (sobretudo no que respeita à interpretação das coleções e sua divulgação), dada a dimensão e variedade temática do espólio do MSML foram também realizadas diversas exposições temporárias e criados núcleos temáticos. Dos quais destacamos: *“Arte Medieval no Museu”*, *“S. Sebastião: o voto, a identidade, a arte”* e *“Cortiça: Estórias da História”*. Este último, patente na sala 11 - Sala dos Escultores do MSML, reúne parte do espólio originalmente integrado na *“Sala da Cortiça”*, recuperado e conservado, e visando evidenciar as potencialidades desta matéria-prima, reflexo da identidade da

comunidade local e verdadeira herança cultural que o MSML pretende obrigatoriamente conservar, estudar, difundir e valorizar de forma integral. Paralelamente,

foram delineados os pontos estratégicos do projeto que orienta a requalificação da “Sala da Cortiça” e respetiva área envolvente.

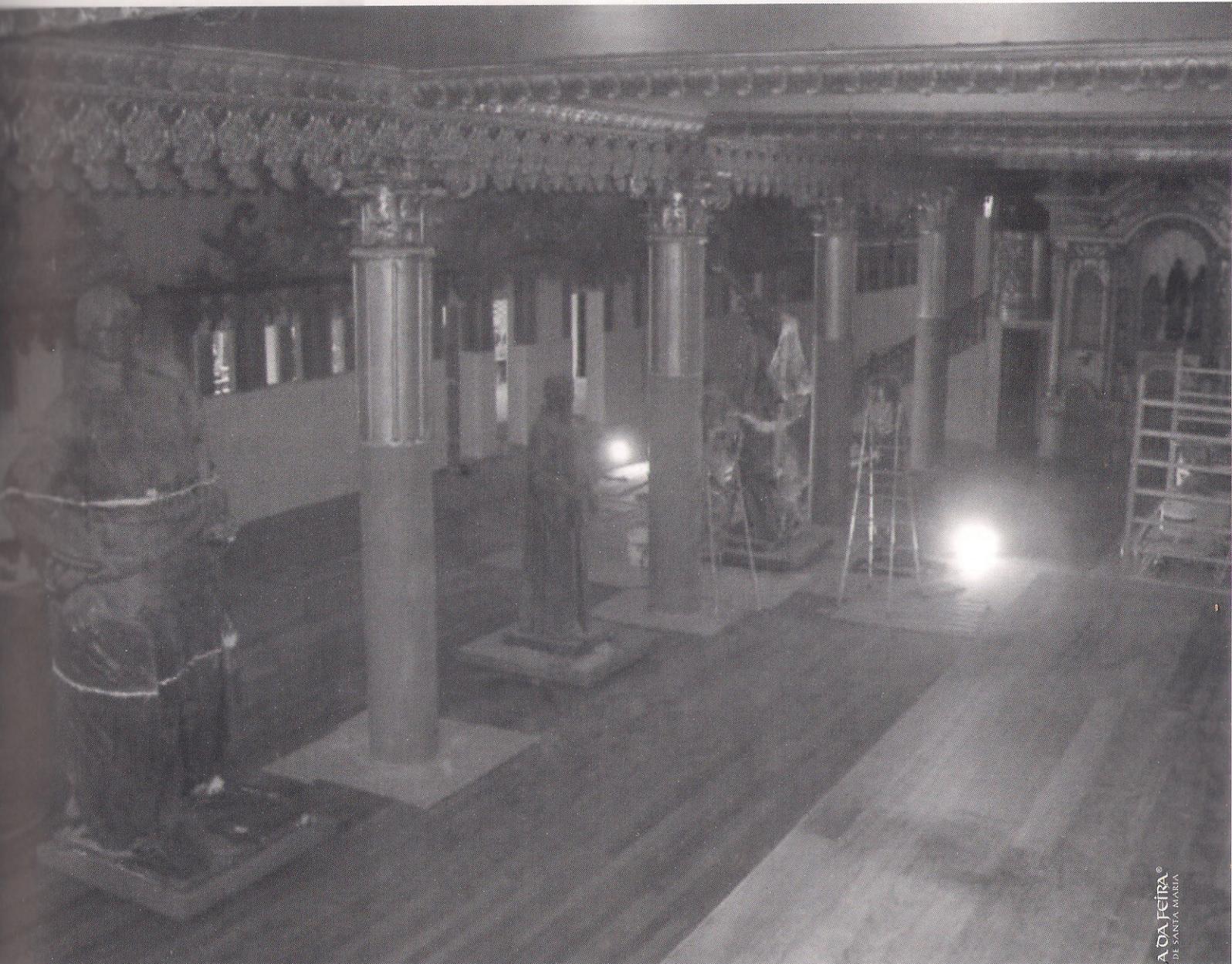


Fig. 33 – Perspetiva geral da Sala da Estatuária - hoje designada pela terminologia "Sala dos Escultores" - (fase final das intervenções – Março de 2008).



Figs. 34 a 36 – Salas de Etnografia, Estatuária (Escultores) e Ciências Naturais (após a intervenção - Maio de 2008).



De acordo com a Missão do Museu, foi igualmente renovada a relação do Museu de Lamas com o público. Assim, dando continuidade ao trabalho realizado aquando do "projeto-piloto" – momento em que foi realizado um inquérito aos serviços culturais do concelho de Santa Maria da Feira, através do qual foi perceptível o crescimento substancial de público visitante do concelho e seus equipamentos – foi delineada e concretizada uma estratégia de captação de públicos. Esta, passou pela criação do Serviço Educativo em 2006, uma marca de excelência e pedagogia, caracterizada pela aproximação dos diferentes quadrantes da comunidade a todos os conteúdos passíveis de abordagem. E ao acervo exposto no Museu, levando o público ao seu completo e claro entendimento. Desde então, e de forma ininterrupta, ao longo do ano letivo o Museu promove atividades dirigidas a todos os tipos de público. Além do programa

educativo permanente, que integra as “tradicionais” visitas orientadas de carácter geral, mas também diversas visitas temáticas das quais destacamos: “*O Mistério do desaparecimento das roupas do sobreiro*”, ou “*Do montado para o Mundo*”; promove também atividades/visitas temáticas (complementadas, ou não, com oficinas), jogos pedagógicos e oficinas alusivas às quadras festivas (*Carnaval, Páscoa e Natal*). O Museu associa-se igualmente a diferentes comemorações: *Festa das Fogaceiras; Dia da Música; Dia do Turismo; Dia de S. Martinho; Dia do Teatro; Dia dos Museus; Dia da Criança; Halloween*; entre outros. Fomentando atividades/oficinas relacionadas com o contexto socio-cultural do dia em questão, tentando, sempre que possível, associar as temáticas invocadas à sua coleção permanente (Figs. 37 a 40).



Figs. 37 a 40 – Visitas e atividades educativas promovidas pelo Serviço Educativo do MSML.



Fig. 38



Fig. 39



Fig. 40

O fomento da cooperação institucional, através de medidas concertadas, de índole programática ou operativa, em colaboração com outros organismos, nomeadamente autarquias e instituições privadas, mostrou-se igualmente uma ação essencial para a prossecução de uma política museológica abrangente.

A este nível, obrigatória é a referência à integração do MSML no “Feira Vale +” , um protocolo de promoção integrada de desenvolvimento turístico de Santa Maria da Feira, possibilitando aos turistas e visitantes descontos na entrada e na aquisição de *merchandising* nos principais equipamentos turísticos do Concelho de Santa Maria da Feira, atualmente designado “Feira Card”, embora mantendo a mesma dinâmica. Mas também a participação do MSML nos grandes eventos promovidos pelo Município, como seja a Viagem Medieval em Terra de Santa Maria, na qual o MSML dinamiza a área temática “Pequenos Artistas”, ou a Festa das Fogaceiras.

Além da Educação, as áreas da divulgação e da comunicação são fulcrais na atuação de qualquer Museu e, no caso do MSML, cedo constituiu um dos seus eixos programáticos essenciais, sobretudo atendendo à imagem negativa do Museu alcançada ao longo de décadas de semi-adormecimento. Neste contexto, múltiplas foram as iniciativas desenvolvidas alusivas à divulgação das coleções do Museu e consequente aumento de público visitante das várias faixas etárias. Num mundo em que a globalização se torna cada vez mais um dado adquirido, compreende-se a aposta na criação e atualização sistemática do portal que dá a conhecer o MSML (www.museudelamas.pt). Bem como, a restante presença do Museu nas diversas redes sociais. Os meios de interpretação, enquanto informação, constituem em si um poderoso meio de

comunicação. Assim, a edição de conteúdos oficiais, artigos técnicos, a criação de material promocional inovador, qualitativamente adaptado aos pressupostos do acervo da instituição, pluridisciplinaridade do seu quadro técnico permanente e diretrizes metodológicas da História da Arte, são uma das preocupações basilares do MSML em termos promocionais.

No sentido de alcançar um maior reconhecimento por parte do público, atual e potencial, da sua legitimidade museológica, um dos objetivos fundamentais do MSML desde o início da sua requalificação em 2004, foi a sua integração na *Rede Portuguesa de Museu* (RPM). Neste sentido, em 2009 demos início a este processo através do pedido de credenciação do Museu de Lamas à então direção do *Instituto dos Museus e Conservação*, atual *Direção Geral do Património Cultural*, de modo a avançar com o processo de candidatura à RPM.

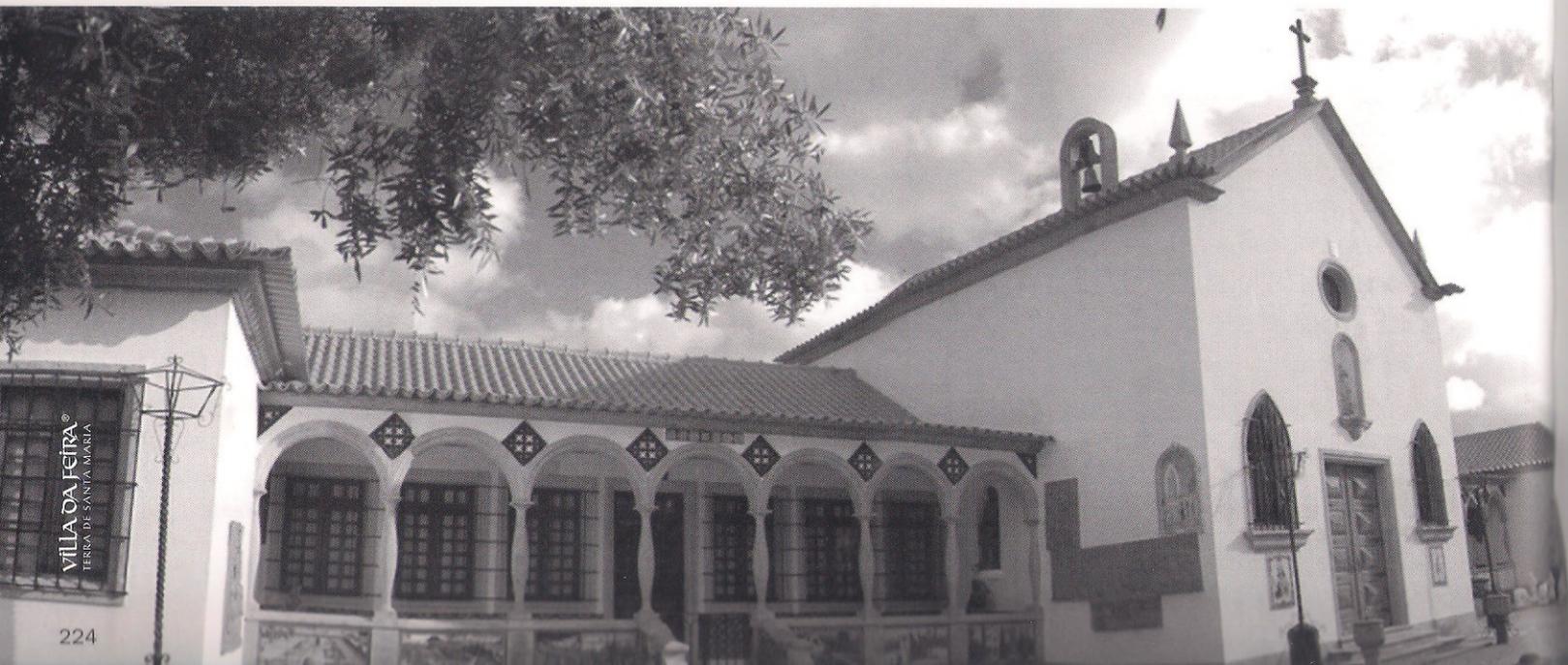
A candidatura obrigou, entre muitas outras diretivas e ações, a garantir o reforço e consolidação da equipa do Museu, a promoção e aumento de atividades interpretativas e educativas. Tal como, o melhoramento das acessibilidades, da sinalética interna e externa (de mobilidade e interpretação), a reorganização do espaço das reservas e a exaustiva elaboração de documentos específicos, técnicos, científicos e obrigatórios para a credenciação, citando-se: o “Regulamento”, o “Plano de conservação preventiva” e o “Plano de segurança e emergência”. Volvidos mais de 9 anos, o MSML integra finalmente a RPM, de acordo com o teor do despacho n.º 8325/2018, publicado a 27 de agosto de 2018 em *Diário da República*, sendo o culminar de um longo processo que em muito honra e engrandece este espaço e sua respetiva equipa, o seu estatuto na região e o próprio posicionamento no panorama museológico português.

Um reconhecimento que é extremamente importante para o Museu e tributa os diferentes momentos evolutivos do trabalho realizado neste espaço desde 2004, definindo-se como um claro «símbolo de qualidade» do trabalho da equipa que dinamizou e dinamiza o MSML.

Executando o global cumprimento relativamente ao exercício das funções museológicas determinadas na *Lei-Quadro dos Museus Portugueses* (Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto), com a credenciação e consequente inclusão na RPM, o MSML ganha uma maior notoriedade, maior valorização e qualificação no quadro da realidade museológica nacional. Assim sendo, neste enquadramento, o MSML trabalhará em harmonia com os valores desta Rede, que promove uma maior cooperação institucional e a articulação entre museus, promovendo e assegurando o rigor e o profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas implementadas e a implementar.

Para além desta componente a integração na dinâmica da RPM permitirá ao MSML, inspirado, auxiliado e em consonância com outras estruturas e parceiros da Rede, a possível candidatura a fundos nacionais e comunitários destinados exclusivamente a museus integrados na RPM. Assim como, qualificar ainda mais a equipa técnica do museu, através da realização de ações de formação especializada.

Perante a entrada do MSML na RPM, o Museu de Lamas afirma-se como espaço de reflexão, estudo, partilha e interpretação de uma realidade que moldou a história de uma terra, e de um património que acompanhou o gosto e a evolução secular de um país. Assim sendo, este complexo, socialmente ativo, de grande valia cultural e pedagógica, demarca-se pelo contributo que presta à Museologia nacional. Invocando, em todo o seu acervo, Histórias e “Estórias” desta e das mais variadas regiões, “preservando, expondo e arquivando memórias” da Arte, do Culto, da Indústria, da Ciência e da Etnografia portuguesa.



“Passado, presente e futuro”: “Museu da Cortiça”, uma “memória popular” que perdura

(Por José C. Amorim)

“(…) A cortiça, cuja utilização industrial tão profundamente marcou a região e foi a razão de ser da riqueza do comendador Amorim, não poderia, obviamente, estar ausente do seu mundo de sonho. A ela dedicou-lhe um espaço significativo – um vasto, central e alto pavilhão a que se acede por qualquer dos pisos do edifício do museu. Aqui encontramos, não

só uma boa coleção de arqueologia industrial, com amostras, utensílios e máquinas que demonstram as várias fases de transformação da cortiça, mas também um dos espaços mais paradigmáticos do mundo de fantasia que o industrial procurava trazer para o seu museu: centenas de peças reproduzem em cortiça os mais diversos e imaginativos temas, dos simples bonecos e peças de mobiliário a miniaturas, de dimensões apesar de tudo consideráveis, de conhecidos monumentos nacionais, como a Torre de Belém (...)”

(CLETO & FARO, 2000, pp. 21 e 22.).

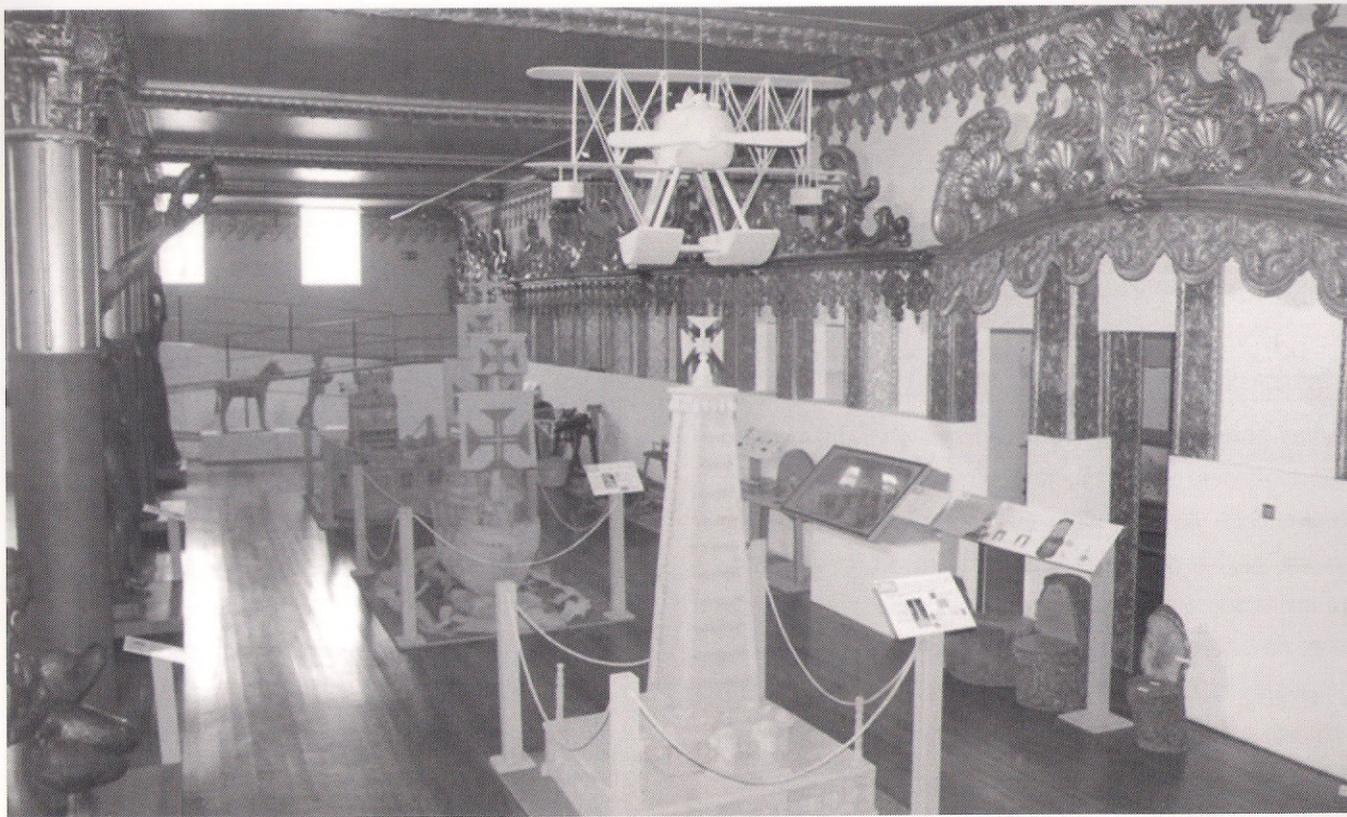


Fig. 41 – “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, na sua disposição atual, integrante de parte da “Sala 11 – Sala dos Escultores” do Piso inferior do MSML © Arquivo imagético do MSML.

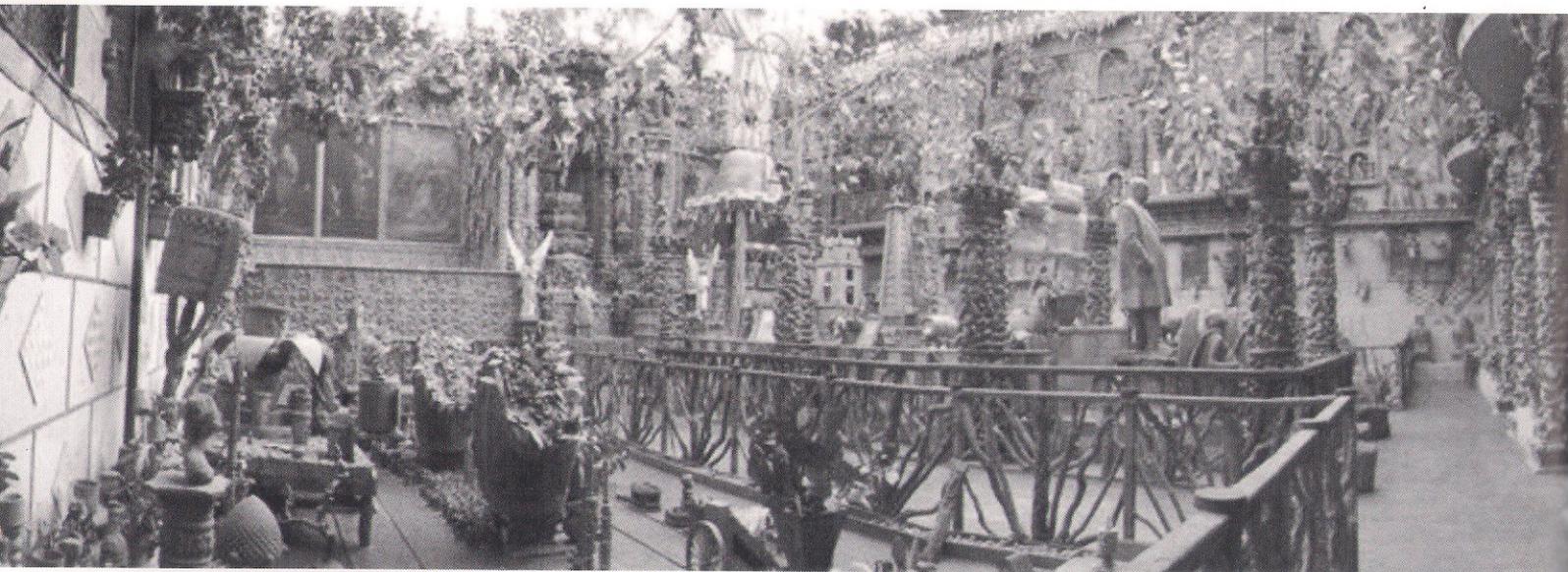


Fig. 42 – “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” - Perspetiva parcial do “Pavilhão de / da Cortiça”, popularmente denominada como “Sala da Cortiça”, num momento precedente ao seu atual encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial (ainda em curso e originária do “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, aqui descrito) © Arquivo imagético do MSML.

“Cortiça. Estórias da História”: Da Sala da Cortiça ao Núcleo Museológico da Cortiça – Passado: A “Sala / Pavilhão de / da Cortiça”

Do ponto de vista da sua “Revolução Industrial”, urbanística, social e até populacional, *Santa Maria de Lamas* obteve na implementação territorial da Indústria transformadora de Cortiça, na filantropia e ação benemérita de *Henrique Alves Amorim* (H.A.), fatores históricos de grande singularidade e realce. Deste modo, grande parte da evolução contemporânea desta localidade e respetiva fonte de labor e sustento dos seus habitantes - a partir da década de (19)20 - advém do já referenciado pioneirismo aplicado por *Henrique Amorim* na forma diferenciadora de explorar e potenciar, do ponto de vista industrial, todos os recursos de uma matéria-prima secularmente transformada nesta região e país: a Cortiça.

Desde a infância, o Fundador do Museu conviveu de perto e absorveu as diferentes “Artes” da exploração corticeira. Aliás, foi esta a atividade que originou a fixação definitiva do “clã Amorim”, principalmente a partir de 1908, em *Santa Maria de Lamas* - terra natal de *Ana Pinto Alves* (1867-1926), mãe de *Henrique Amorim* e esposa de *António Alves de Amorim* (1832-1922), o patriarca desta Família e “empresário rolheiro” que se viu definitivamente espoliado, em 1908, da sua pequena “Oficina de produção de Rolhas de Cortiça” para Barris de Vinho do Porto, situada na “Rua dos Marinheiros” - junto ao *Cais de Vila Nova de Gaia*. Assim sendo, foi nesta terra que H.A. “amou” e à qual legou uma entrega material e imaterial sem par que, conjuntamente com a sua mãe e irmãos, restabeleceu a honra familiar, retomou o labor corticeiro e lançou as bases para a hegemonia posterior que obteve neste ofício.

Assumindo um papel preponderante na História da industrialização do Processo corticeiro em Portugal, o Fundador do Museu deixou uma marca profunda, deveras pessoalizada, do ponto de vista do crescimento, vanguarda, gestão e evolução multidisciplinar (económica, geográfica, metodológica, científica e social), desta atividade. Investindo continuamente no progresso técnico das suas unidades fabris, sem esquecer a componente das regulares condições, regalias e “conforto” dos seus recursos humanos e respetiva área de implementação, mesmo após legar a vertente administrativa das suas fábricas e focar-se, quase em permanência, na sua “obra benemérita” e colecionista, *Henrique Amorim* não se esqueceu de tributar a sua grande “fonte de receita”.



Assinalando, não só, a matéria-prima na sua vertente industrial, mas associando-a à peculiaridade do seu gosto artístico.

Deste modo, em “homenagem visual” à Cortiça, ao seu processo de transformação industrial e às suas potencialidades como suporte criativo e artístico, na planimetria do seu Museu (no piso inferior, em virtude da segunda e hipotética terceira fase de construção deste edifício, balizada entre 1959 e 1968, ou após 1968 – até 1977), H.A. implementou um perímetro expositivo cujo “pé-direito” (altura), “iluminação natural” e amplitude se destacam pela grandeza e profusão.

Denominado de “Pavilhão de / da Cortiça” pelo próprio, mas popularmente “apelidado” de “Sala da Cortiça”, este espaço, encimado por uma “pseudo ramada” suspensa (modelada com recurso à cortiça e alguns derivados de cortiça associados a volumes de gesso), maioritariamente revestido com cortiça natural, aglomerado e granulado de cortiça, serviu para sintetizar, albergar e expor, visual e patrimonialmente, grande parte dos valores e “paixões” deste Homem.

Fig. 43 – “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” – Pormenor, integrado num registo fotográfico antigo e em escala tonal de cinzento (passível de enquadramento nas décadas de 19(60) e 19(70)) - da “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” correspondente à sua disposição inicial. Anterior, portanto, ao atual encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial © Arquivo imagético do MSML.

Ou seja, a Cortiça na sua vertente natural – o *Sobreiro*, o ecossistema do *Montado de Sobro*, as diferentes fases de proliferação, crescimento da árvore e respetivos exemplares das três primeiras camadas de cortiça (“*Cortiça virgem*” (dos 0 aos 25 anos de gestação), “*Cortiça secundeira*” (ou “*segundeira*” – pelo menos 9 anos após o 25.º ano de desenvolvimento do *Sobreiro*), e “*Cortiça de amadia*” (ou “*de reprodução*” – obtida, segundo as normas, no mínimo de 9 em 9 anos, após retirada da “*Cortiça secundeira / segundeira*”), extraídas

no decurso da “*Tiradia*” / “*Descortiçamento*” das pranchas do tronco de *Sobreiro* e o seu “*Processo de Transformação Industrial*” - ; a *Arqueologia Industrial* (sobretudo utensílios e maquinaria do “*Ofício rolheiro*”); o gosto pela *Arte*, com a utilização da Cortiça e respetivos derivados na produção de *Relevos e Escultura de vulto evocativas do espaço exterior / natural de Santa Maria de Lamas*. Mas, principalmente do legado, história, tradição, identidade e património material e imaterial português.



Fig. 44 – “*Sala / Pavilhão de / da Cortiça*” – Panorâmica superior do “*Pavilhão de / da Cortiça*”, popularmente denominada como “*Sala da Cortiça*”, em registo anterior ao atual encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial © Arquivo imagético do MSML.

Assim sendo, na sua composição pristina (antecessora do atual processo, em curso, de recuperação estrutural e expositiva deste perímetro exhibicional), o “Pavilhão de / da Cortiça”, ou “Sala da Cortiça”, assumiu um hipotético e ligeiro caráter tributário, embora de escala reduzida, dos Pavilhões das “Grandes Exposições Universais”. Tal inspiração, verificava-se na amplitude do espaço, na transparência da sua cobertura e correspondente abundância de luz (similar à de um “Palácio de Cristal”). E, inclusive, na pluralidade concetual e tipológica dos diferentes objetos expostos.

Todavia, para além desta alusão aos equipamentos e espaços das grandes mostras universais, a planta e o alçado desta área desenvolvem outro possível paralelismo morfológico. Nomeadamente, à estrutura dos grandes e modernizados pavilhões da primeira fábrica rolheira de escala elevada da Família Amorim, a “Amorim & Irmãos, Lda.” - fundada em 1922 sob liderança de *Henrique Alves Amorim*.

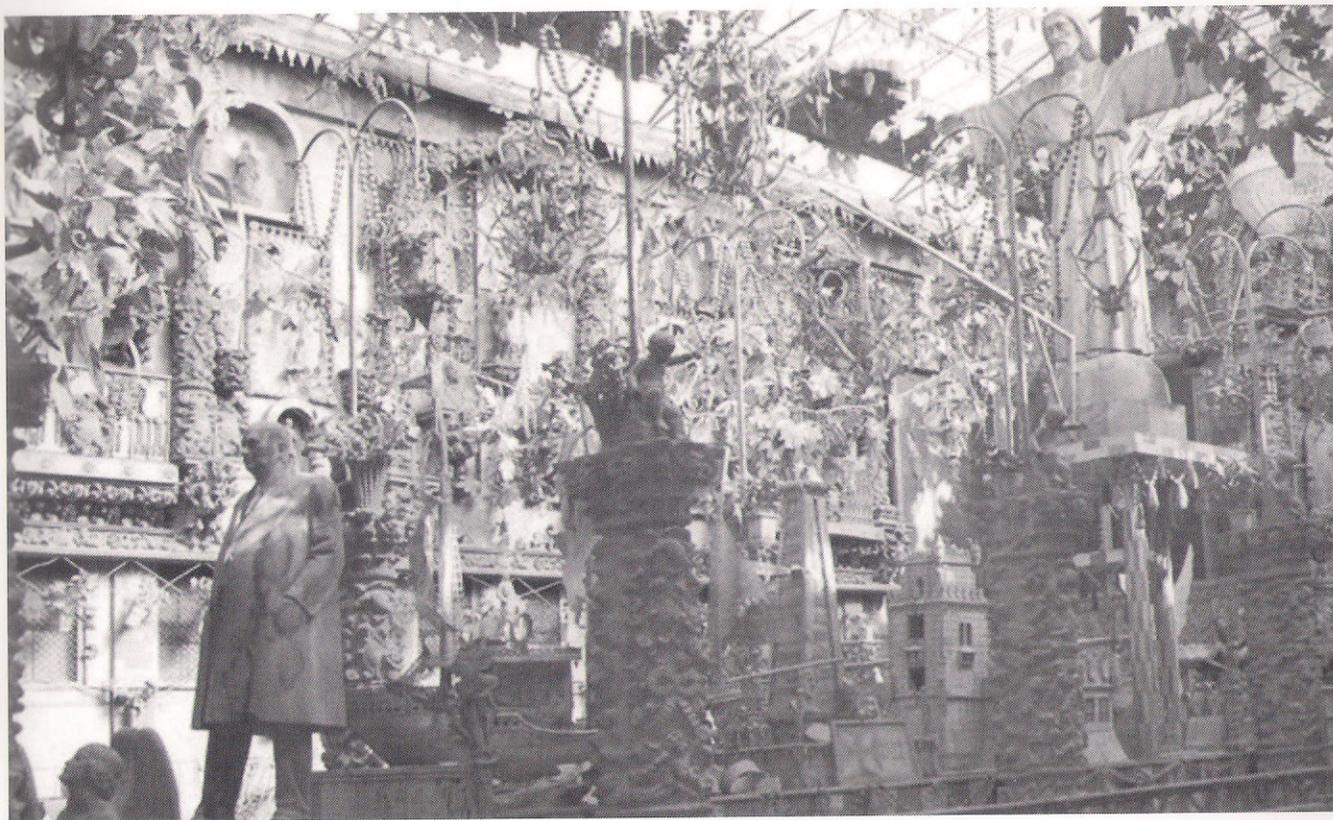


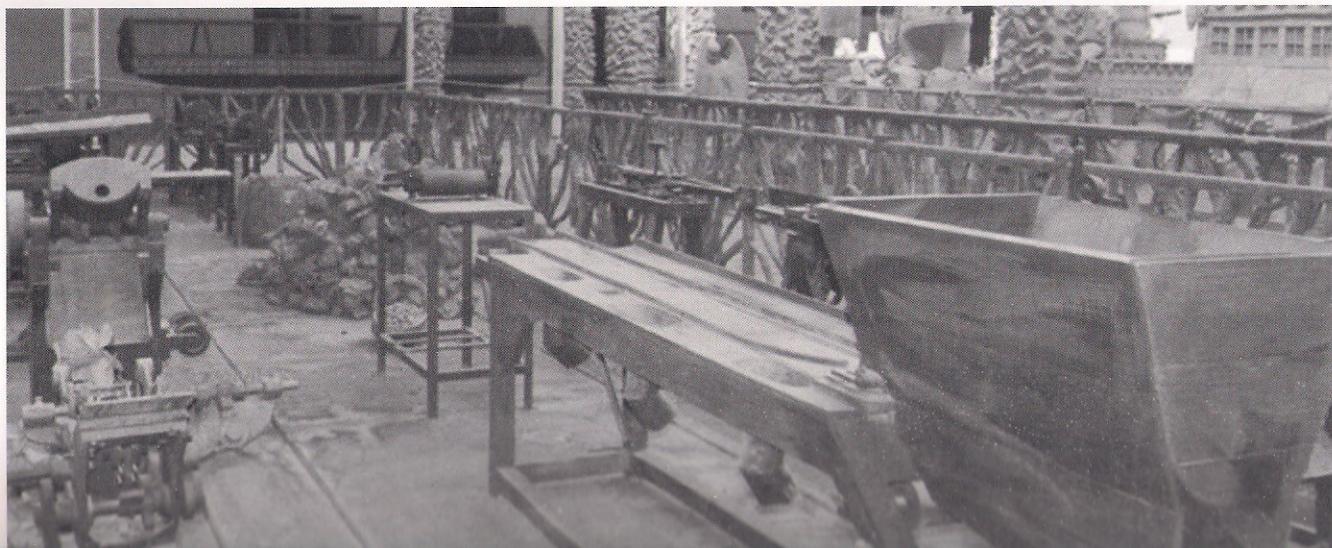
Fig. 45 – “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” – Panorâmica parcial da “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” correspondente à disposição precedente ao atual encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial. Segmento central elevado, de louvor visual à “Iconografia do Fundador” e à Cortiça e seus Derivados (granulados e aglomerados), como matéria-prima propícia à produção e/ou aplicação artística em registos de maior erudição, alusivos a episódios, Património material e imaterial (momentos, objetos, cultos, personalidades e monumentos), da História cultural, religiosa e artística medieval, moderna e contemporânea do território português © Arquivo imagético do MSML.

Paradigma de alguns dos conceitos museológicos prediletos e do próprio “mundo de fantasia” que *Henrique Amorim* também quis incorporar em parte dos espaços do seu Museu, a “Sala da Cortiça” deste complexo - resultante de um investimento avultado, contabilizado em 5. 500. 000 \$ (escudos), montante difundido num “Relatório de Contas” alusivo ao MSML, que o próprio H.A. disponibilizou em 1974 para publicação no periódico local *União. Mensário de Santa Maria de Lamas* - desde a sua criação e até 2013, ano de lançamento do seu processo de requalificação, conjugou durante décadas, no mesmo perímetro de curadoria (encimado pela peculiar “ramada suspensa”,

marcado com o monograma “HA”, de *Henrique Amorim*, na grande maioria das paredes do seu alçado, revestidas por aglomerado de cortiça e variados rebocos modelados em gesso coberto por granulado de cortiça):

“*Indústria & Arte*”; “*Histórias & Estórias*” do território e povo português; “*Labor & Idílio*”; “*Natureza & Feitoria Humana*”; “*Erudição & Espontaneidade*”; “*Religiosidade & Valores políticos*”; “*Etnografia local, concelhia e nacional*”; e ainda, referências a “*Monumentos Pátrios & Registos de tributo pessoal*”.

Figs. 46 e 47 – “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” – Panorâmica parcial da “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” representativa da sua disposição precedente ao atual encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial. **Património e Arqueologia Industrial de sécs. XIX e XX:** Utensílios, Engenhos e Maquinaria usada no Processo industrial de Transformação corticeira (registo fotográfico comprovativo do posicionamento efetivo de grande parte destes elementos na “Sala da Cortiça” até 2013; tal como, do seu debilitado estado de conservação à época - originário do próprio processo interventivo que, desde aí, usufruem) © Arquivo imagético do MSML.



Para concretizar o efeito visual pretendido e albergar a coexistência destes diferentes segmentos de Património, na sua composição inicial, o “Pavilhão de / da Cortiça” poderia dividir-se em três áreas estruturantes / principais. Uma delas, ao centro, sob plataforma elevada, de louvor visual à “Iconografia do Fundador” e à Cortiça e respetivos Derivados

(granulados e aglomerados), como matéria-prima propícia à produção e/ou aplicação artística. Neste caso, em registos de superior erudição, alusivos a episódios, Património material e imaterial (momentos, objetos, cultos, personalidades e monumentos), da História cultural, religiosa e artística medieval, moderna e contemporânea nacional.

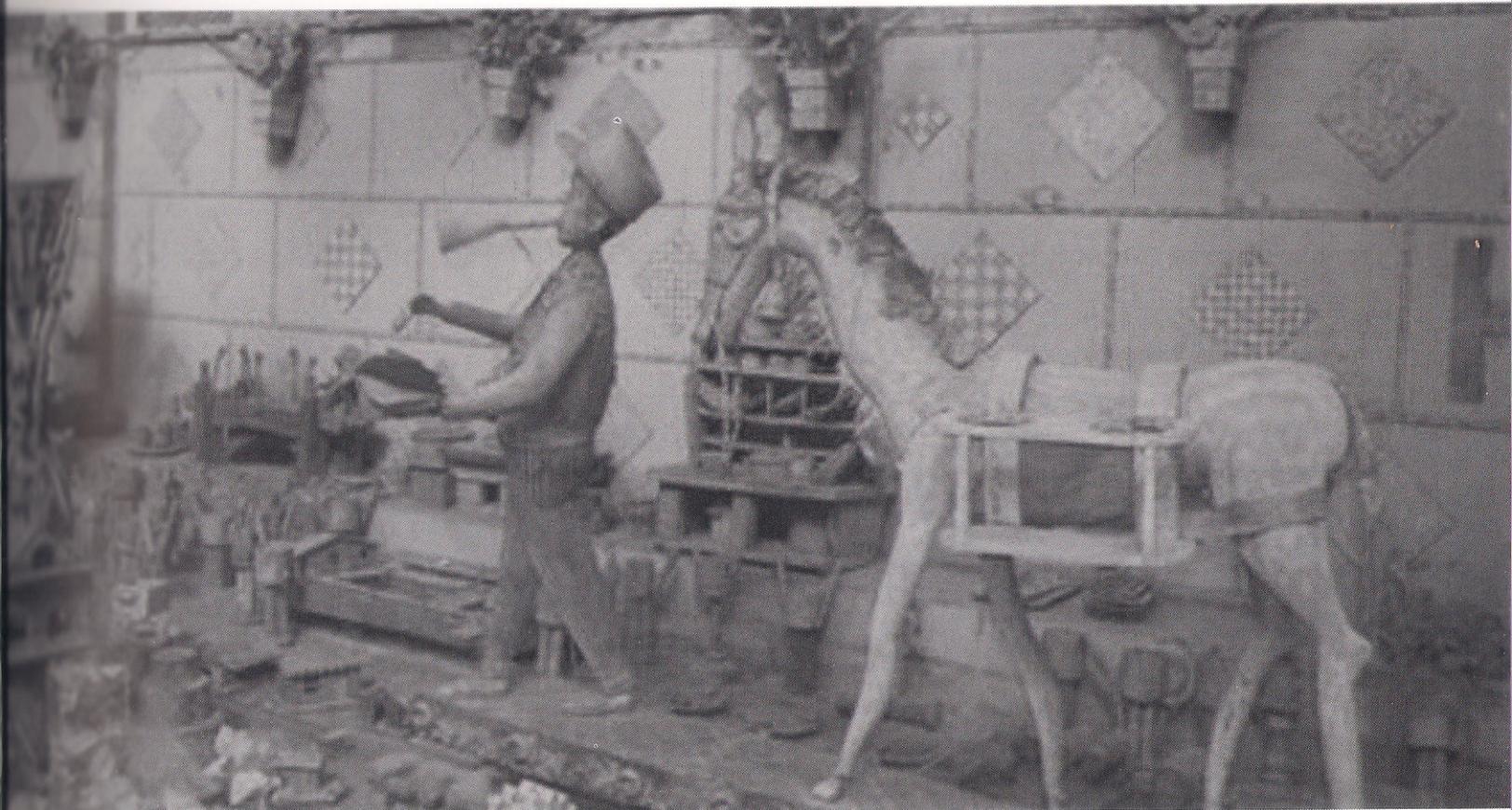
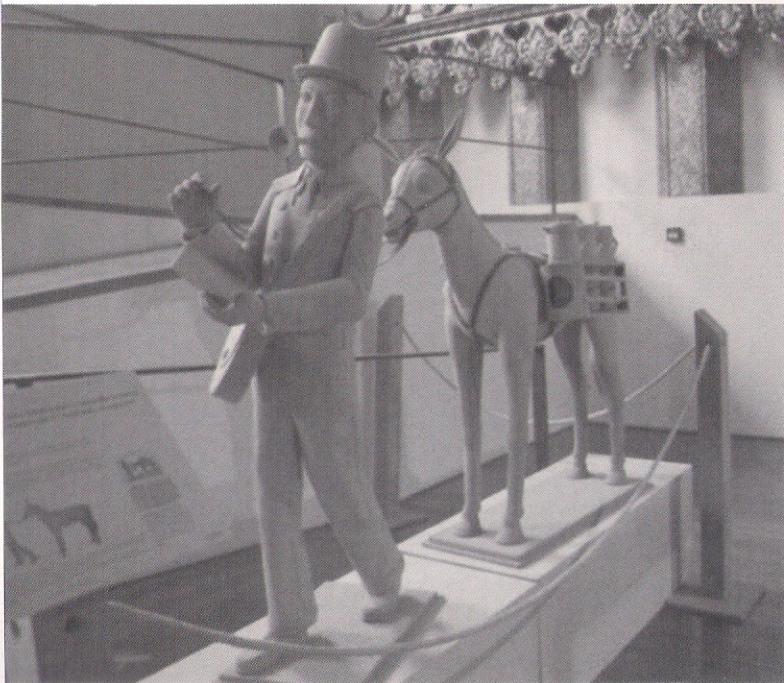
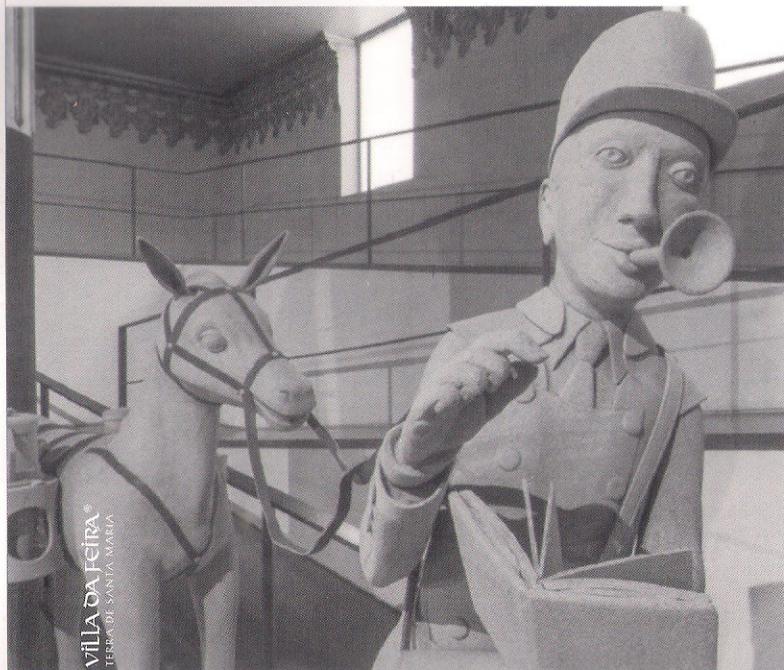


Fig. 48 – “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” – Panorâmica parcial da “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” alusiva à disposição precedente ao atual encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial. Lateral térrea, delimitada por “vedação” concebida com recurso a fragmentos de tronco de *Sobreiro*, elementos em “*Cortiça virgem*” e pequenos blocos de cortiça natural, evocativa, pelo acervo que circunscreve, à Cortiça como matéria-prima propícia à produção artística alegórica de “*Costumes e Etnografia local, concelhia e nacional*”. “*Etnografia portuguesa*”: **Recriação artística de profissões típicas da portugalidade, entre os sécs. XIX e XX - O “Azeiteiro Vinagreiro”**: Esculpido em cortiça natural e derivados no séc. XX (Registo fotográfico comprovativo do posicionamento efetivo desta Escultura na “Sala da Cortiça” até 2013; e, inclusive, do seu debilitado estado de conservação, atualmente regularizado) © Arquivo imagético do MSML.



Figs. 49 e 50 – “Etnografia portuguesa”: Evocação artística de profissões típicas da portugalidade, entre os sécs. XIX e XX: O “Azeiteiro Vinagreiro” - Recriação escultórica em matéria mista (cortiça natural e aglomerado de cortiça), de cronologia original remontante às décadas de 50, 60 ou 70 do séc. XX. Totalmente recuperado e reconstruído, entre 2014 e 2015, por *Manuel Augusto Fontes*. Através de Escultura de vulto, alude às características habituais do vendedor ambulante. Compondo o “Azeiteiro Vinagreiro” na posse de “Chapéu”; “Corneta de sinalização sonora”; “Livro / Caderno / Agenda” de registo de clientes e/ou pagamentos realizados, ou em dívida; “Mala” / “Sacola”. E, devidamente acompanhado pelo seu “Animal de carga”: um “Burro / Mula”, munido(a) de “Albarda” e “Cântaros” correspondentes ao respetivo armazenamento da mercadoria © Arquivo imagético do MSML.



E as duas laterais, “térreas”, delimitadas por “vedação” concebida com recurso a fragmentos de tronco de *Sobreiro*, elementos em “Cortiça virgem” e pequenos blocos de cortiça natural, tributárias, em separado, à “Cortiça como matéria-prima industrial”, aos seus produtos e processos de transformação. Inclusive, ao Património e Arqueologia Industrial do “ofício corticeiro”. E, por último, à “Cortiça como matéria-prima propícia à produção artística”, evocativa dos “Costumes e Etnografia local, concelhia e nacional”.

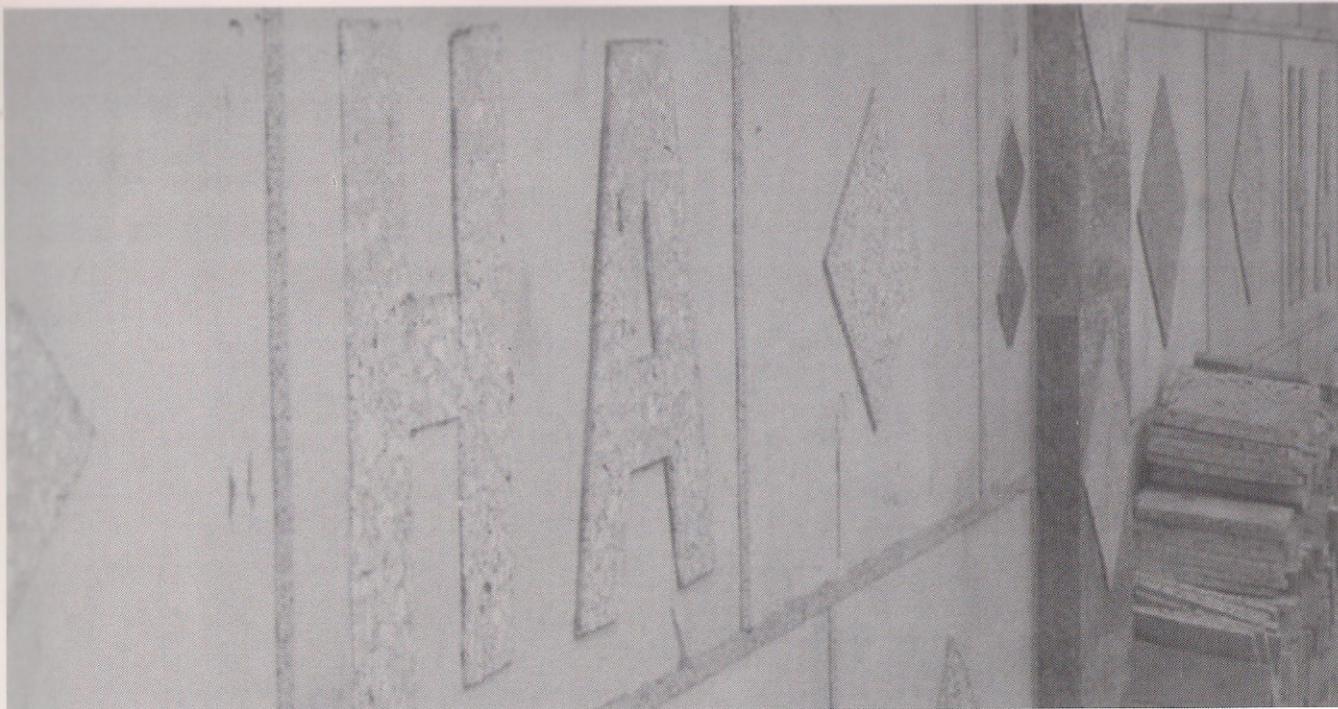


Fig. 51 – “Sala da Cortiça” (Pormenor de uma das suas paredes do alçado lateral, “marcada” pela incorporação do monograma “HA”, composto pelas iniciais de Henrique Amorim) - Antecedente ao seu encerramento para intervenção estrutural, museológica e patrimonial (ainda em curso e originária do “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”) © Arquivo imagético do MSML.

À “cabeceira” deste “Pavilhão”, nalguns casos suspensos a partir do teto, existiriam ainda alguns fragmentos de *Património sacro*, de material, tipologia e, quiçá, conceito distinto e externo aos propósitos globais desta sala. Ou seja, dissemelhantes dos restantes objetos expostos nesta área, os elementos incorporados neste segmento da “Sala da Cortiça”, em virtude da sua estruturação primitiva, pertencem à *Coleção de Arte Sacra* deste Museu. Englobando originais e/ou réplicas de séc. XX, ou posteriores ao séc. XVII, de obras de arte nacionais / universais; nomeadamente, Pinturas a Óleo sobre Madeira, retangulares, de grande formato e iconografia religiosa (iconografias *Mariana*,

do *Tetramorfo* (reprodutivas dos quatro Evangelistas), *Vetero* e *Neotestamentárias* - do *Antigo* e *Novo Testamento*). Assim como, dois Candelabros de Talha dourada *Joanina*, de segunda metade do séc. XVIII; um Lustre de séc. XIX; um Retábulo de Talha dourada *Joanina*, de segunda metade do séc. XVIII, preenchido por Imaginária de produção erudita, modelada e decorada através do uso de Madeira policromada, estofada, dourada, esgrafitada, puncionada e carnada, também de séc. XVIII e representativa das iconografias de “*Cristo Crucificado*”, *São João Evangelista*, *Maria* e *São Francisco de Sales*. E ainda, por dois *Tocheiros* de sécs. XIX / XX.

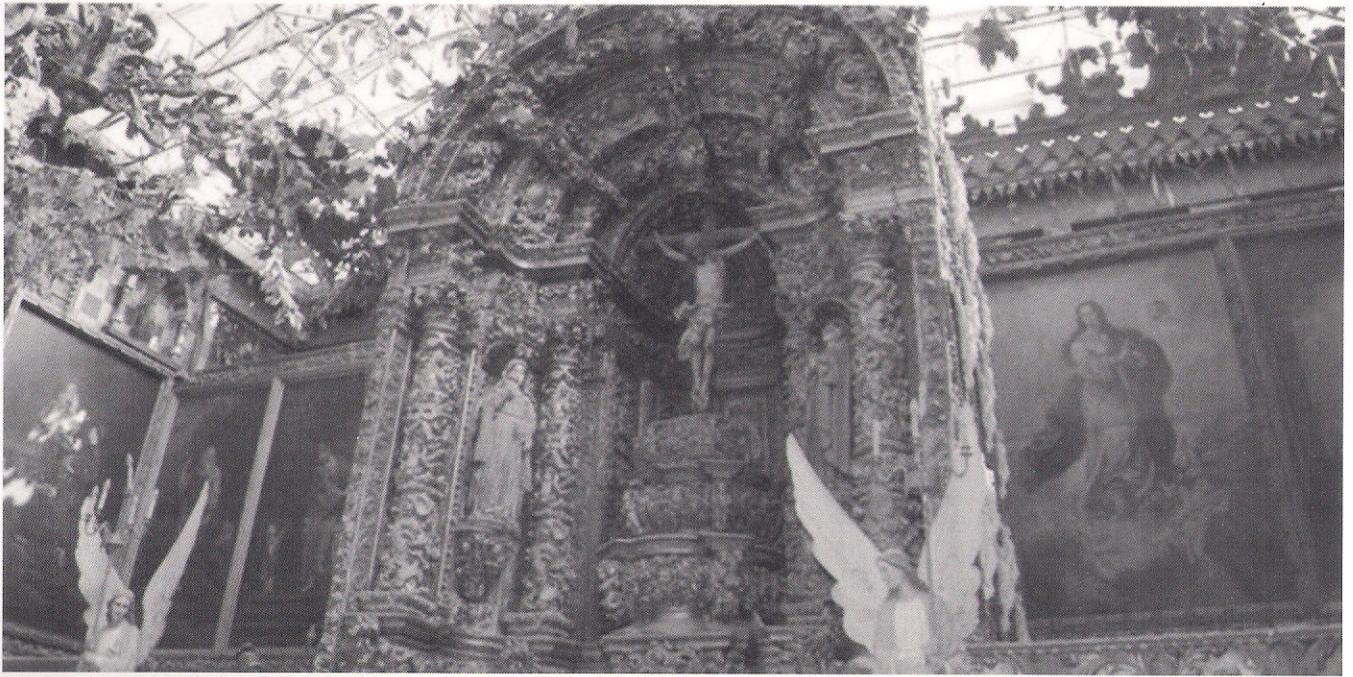


Fig. 52 – Património sacro, de material, tipologia e conceitos distintos e externos aos propósitos originais da “Sala / Pavilhão de / da Cortiça” – Pormenor da disposição pristina de alguns dos elementos artísticos e iconográficos no enquadramento da dita “cabeceira” da “Sala da Cortiça”, num período antecedente ao respetivo e acima referenciado encerramento, atualmente em vigor, para intervenção estrutural, museológica e patrimonial © Arquivo imagético do MSML.

A colocação do património sacro e artístico referenciado na extensão deste perímetro expositivo, de cariz maioritariamente civil, dedicado ao tributo da Cortiça e respetivo processo de transformação, resulta, numa primeira interpretativa, do facto destas peças apresentarem características e medidas acima da média. Díspares da maioria dos objetos de Arte Sacra do acervo deste Museu, compatíveis apenas com a amplitude e o “pé direito” elevado deste “Pavilhão” e, por isso, incomportáveis para as restantes salas que pontuam a planimetria superior e inferior do MSML. Para além deste fator meramente morfológico e casual, tendo em conta a singularidade do gosto e conceito expositivo eclético, idealizado e concretizado por H. A.

na desenvoltura primitiva do Museu, esta conjugação na mesma área de objetos com origens, cronologias, conceitos, materiais e tipologias distintas, poderá, inclusive, refletir uma ordem, ou um desejo concreto do Fundador. Deste modo, no mesmo espaço, *Henrique Amorim* tributou, em simultâneo, grande parte das suas atividades, gostos, valores e profissões, não só pessoais mas também de toda a conjuntura sociopolítica portuguesa no decurso do seu período de vivência, o “Estado Novo” (1926-1974). Assinalando *Indústria, Religiosidade, Culto Cristão, Arte, Efemérides, História, Património, Arqueologia e Etnografia* local, concelhia e nacional.

“Cortiça. Estórias da História”: Da Sala da Cortiça ao Núcleo Museológico da Cortiça – Presente e Futuro:
O “Núcleo Museológico da Cortiça”



Fig. 53 – Panorâmica de parte do “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, na sua disposição atual, integrante de parte da “Sala 11 – Sala dos Escultores” do Piso inferior do MSML © Arquivo imagético do MSML.

A “Sala da Cortiça”, assim apelidada por locais e forasteiros, representou desde sempre um “lugar-comum” no imaginário de todos aqueles que, direta ou indiretamente, cresceram entre as cerandas de aroma a baunilha e a terra molhada por “Terras de Santa Maria”.

Central, extenso e alto, o “Pavilhão de / da Cortiça” (desígnio primitivo que esta divisão obteve na planimetria do Museu de Lamas), foi “apetrechado”, desde sempre e como abordado anteriormente neste artigo, por uma boa *Coleção de Arqueologia industrial*,

com amostras rolheiras, utensílios e engenhos / máquinas / maquinismos que demonstram as várias fases de transformação da Cortiça. Acompanhados por centenas de esculturas e relevos em Cortiça e derivados, balizados entre uma dicotomia permanente de “Cultura erudita *versus* Cultura popular”. De onde se evidenciam algumas evocações, num conceito muito pessoalizado e mesmo fantasioso, do *Património arquitetónico, História e Etnografia* portuguesa.

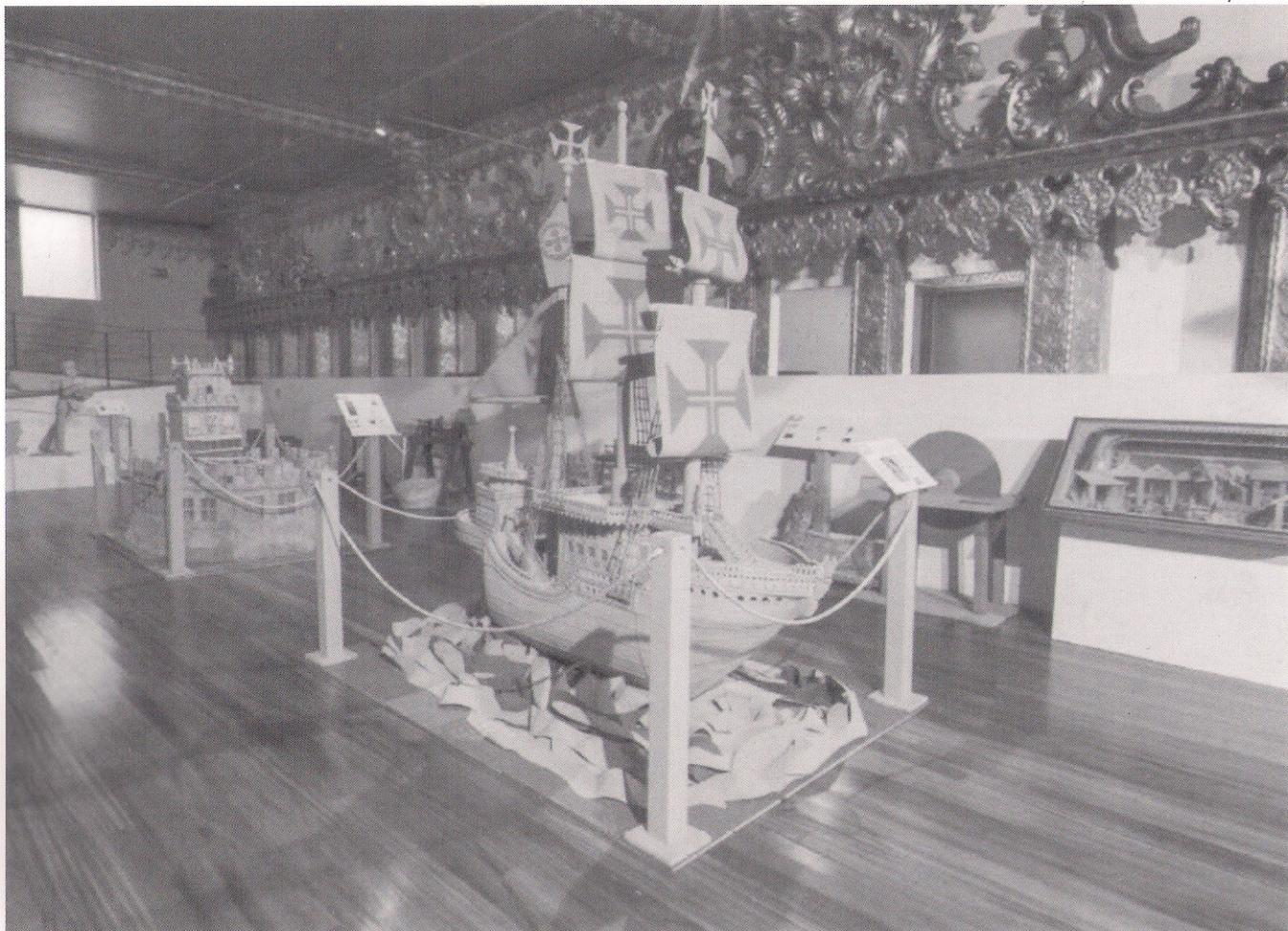


Fig. 54 – Panorâmica parcial do “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, na sua disposição coeva, integrante de parte da “Sala 11 – Sala dos Escultores” do Piso inferior do MSML © Arquivo imagético do MSML.

Não raras vezes constatamos que, fora de portas, esta área cenográfica e expositiva “orquestralmente arquitetada” por *Henrique Amorim*, distinta das demais no complexo museológico do MSML, consegue deixar marcas indeléveis. Ainda que os últimos tempos tenham entristecido o semblante deste espaço, da dita e peculiar “Sala da Cortiça”, deixando-o desvalido e infeliz a acumular o pó que seu Fundador

não pôde mais limpar, tem-se denotado um esforço considerável por parte da tutela do Museu em renovar aquele que representa o símbolo maior de uma parte dos percursos de vida, individuais e coletivos, da região – uma geografia económica, social e laboralmente dependente, sobretudo desde o séc. XIX, da Indústria Transformadora de Cortiça, sua matéria-prima e respetiva evolução.

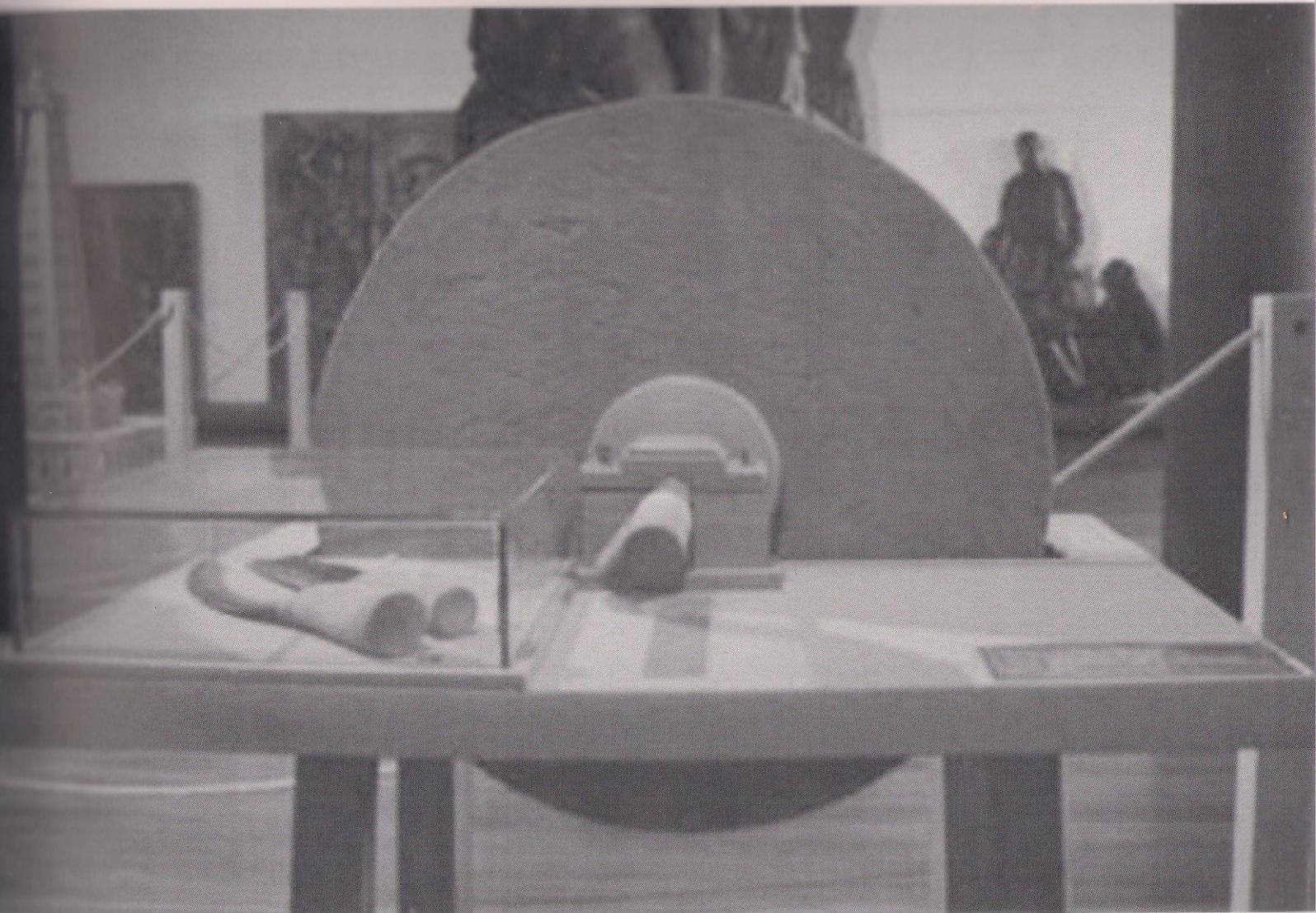


Fig. 55 – “Núcleo Museológico da Cortiça” - “Património e Arqueologia Industrial de sécs. XIX e XX” - Amolador de facas ou “Rebolo” (doação efetuada ao MSML por César Dias Tavares), acompanhado por duas Facas - uma delas de lâmina circular, denominada de “Faca de traçar Pranchas de Cortiça”; e a outra, de lâmina reta, identificada na “gíria corticeira” pelo termo “Burro”. Tais objetos, seriam propícios ao corte das Pranchas resultantes do “Descortiçamento”, com vista à sua adaptação no formato de “Traços” ou “Quadros” de Cortiça para a modelação ou “Brocagem” (em “Garlopa Manual”, ou “Broca a Pedal”). E/ou das Rolhas naturais resultantes dessa mesma modelação ou “Brocagem”, para ajuste manual dos seus calibres / tamanhos © Arquivo imagético do MSML.

Dinâmicas de crescimento e morfologia interna do Sobreiro

“Corte de Sobreiro”, propício à evidência das características do “Lenho”, do “Entrecasco” e, inclusive, do próprio desenvolvimento das “Pranchas / Camadas de Cortiça” no processo de crescimento natural do Sobreiro no Montado de Sobro.

“Lenho” - Madeira do tronco de Sobreiro.

“Entrecasco” - Camada intermédia, situada entre o “Lenho” e a Cortiça.

“Cortiça” - Cujas camadas iniciais se extraem apenas em virtude da passagem dos primeiros 25 anos de crescimento após a plantação do Sobreiro. E, posteriormente, segundo a legislação em vigor, com um mínimo de 9 anos de “gestação” entre camadas.

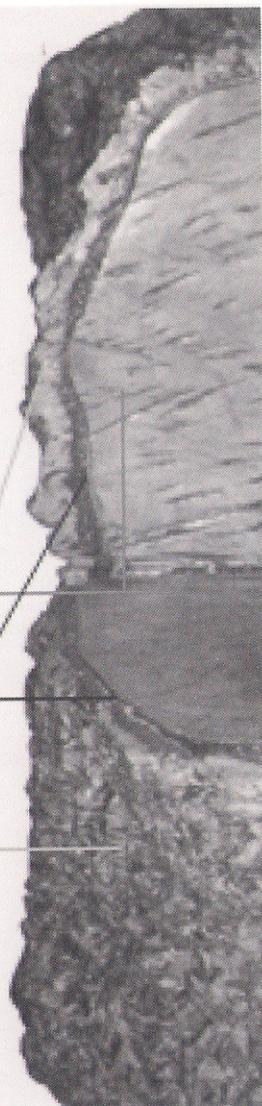
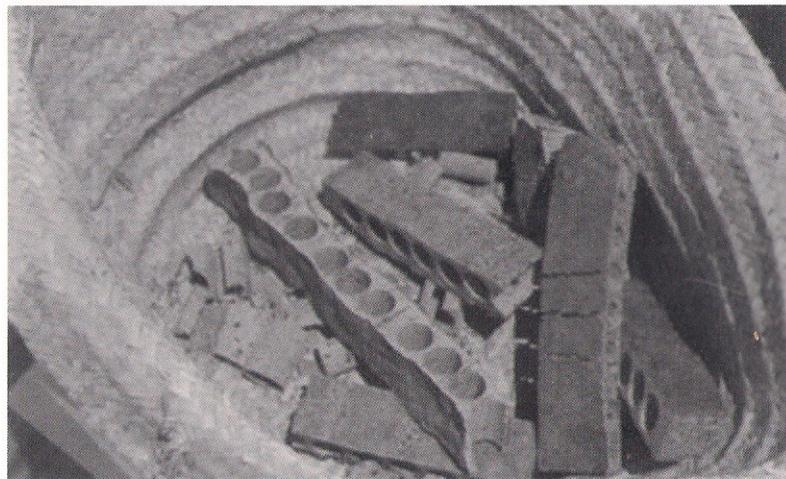


Fig. 56 - “Núcleo Museológico da Cortiça”: “A matéria-prima” em momento prévio à sua transformação industrial - Infografia interpretativa de um “Corte de Sobreiro”, patente no Património natural / científico do “Núcleo Museológico da Cortiça”, que sublinha visualmente as dinâmicas de crescimento natural e morfologia interna do Sobreiro © Arquivo imagético do MSML.

Tal processo profundo de recuperação, reestruturação, estudo, conservação e restauro (até ao futuro término do projeto interventivo em curso), que a “Sala da Cortiça” recebe desde 2013, originou a estruturação provisória, numa das áreas da “Sala 11” - a “Sala dos Escultores” do Piso inferior - de um “Núcleo temático”

evocativo dos resultados da recuperação e de parte da multidisciplinaridade concetual, científica, analítica, industrial e alegórica, patente e característica do acervo arqueológico e artístico desse perímetro emblemático do Museu.



Figs. 57 e 58 – (Em cima) “Núcleo Museológico da Cortiça”: “A matéria-prima transformada” – “Rolhas naturais cilíndricas”, de diferentes qualidades e categorias, resultantes de “Brocagem” através do processo mecanizado da “Broca a Pedal”, acomodadas num exemplar de “Alcofa tradicional” em “palhinha” / vime. (Em baixo) “Núcleo Museológico da Cortiça”: “A matéria-prima transformada” – “Aparas” resultantes da “Brocagem” das “Rabanadas” / “Traços” de cortiça, através do processo mecanizado da “Broca a Pedal”, acomodadas num exemplar de “Alcofa tradicional” em “palhinha” / vime © Arquivo imagético do MSML.

Denominado de “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, na sua génese, este núcleo provisório conjuga - tendo a Cortiça e as suas ligações intrínsecas como “palavra(s)-chave” - pelo espólio arqueológico e artístico que exhibe e à semelhança do sucedido na “Sala da Cortiça”, que posteriormente renascerá readaptada, uma dicotomia constante de “Arte e Indústria”; “Histórias e Estórias” do território e povo português; “Labor e Idílio”, “Natureza e Feitoria Humana”, “Erudição e Espontaneidade”; “Religiosidade

e Valores políticos”; “Etnografia local, concelhia e nacional”. E, inclusivé, referências a “Monumentos Pátrios e Registos de tributo pessoal”. Consequentemente, nestes contextos expositivos específicos distinguem-se: Os “Fragmentos de Cortes de Sobreiro”; as “Pranchas e Traços / Rabanadas de Cortiça para Brocagem e fabrico de Rolhas cilíndricas naturais”; as “Rolhas cilíndricas de Cortiça natural” de diferentes categorias; as “Aparas resultantes de Brocagem”; a “Reprodução escultórica de uma Fábrica de transformação de Cortiça do início

do séc. XX”, com todos os “passos” necessários desde o “Descortiçamento” / “Tiradia” e respetivo transporte, à preparação, tratamento e expedição final das “Rolhas cilíndricas de Cortiça natural” após modelação na “Garlopa Manual”, “Brocagem” e “Escolha”; um “Amolador de facas” ou “Rebolo”, para uso em contexto de transformação corticeira; duas facas, uma “Faca de traçar Pranchas de Cortiça” e outra, denominada, na “gíria corticeira”, de “Burro”; uma “Garlopa Manual” e uma “Broca a pedal” de produção rolheira; uma “Banca de escolha manual” das diferentes categorias das “Rolhas cilíndricas de Cortiça natural”; uma “Ponçadeira” de ajuste e calibragem das “Rolhas cilíndricas de Cortiça natural”; uma recriação artística, em Cortiça natural e Aglomerado de cortiça de “Profissões da portugalidade”, nomeadamente um “Azeiteiro Vinagreiro”; uma réplica, de escala miniatural

em Cortiça natural e Aglomerado de Cortiça, da “Torre de São Vicente” (comummente designada por “Torre de Belém”); uma interpretação escultórica, em Cortiça natural e Aglomerado de cortiça, de uma “Carraca / Nau” de término do séc. XV, alusiva às Campanhas náuticas Orientais da História da navegabilidade e “Descobrimientos portugueses” (1415–1543). E, por fim, a estruturação de um “Padrão laudatório da 1.ª travessia aérea transatlântica de Gago Coutinho (1869–1958) e Sacadura Cabral (1881–1924)” – reproduzidos também em busto – combinado com uma Reprodução corticeira do “Hydroavião monomotor “Fairey III D, n.º 17”, que, no dia 17 de junho de 1922 completou a primeira travessia aérea do Atlântico Sul - com partida de Lisboa a 30 de março e chegada ao Rio de Janeiro a 17 de junho de 1922.

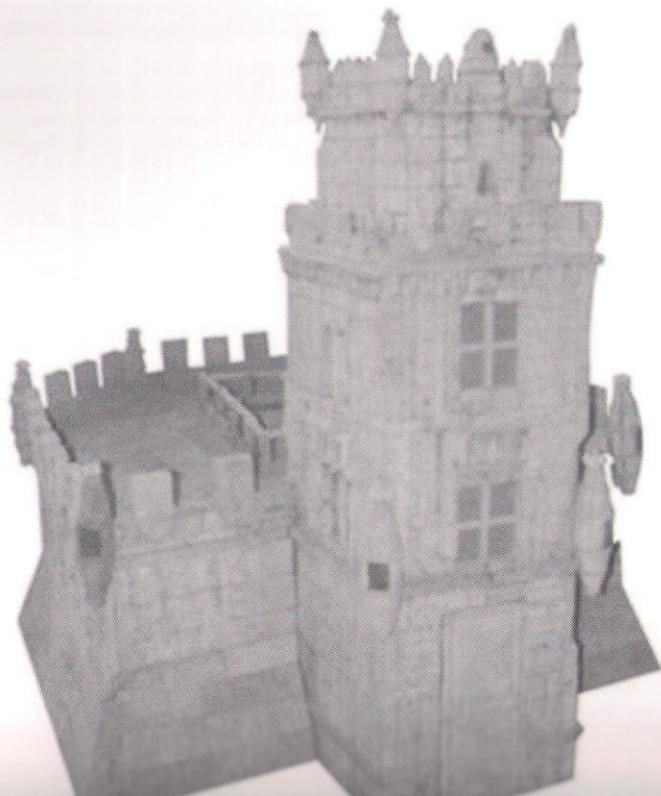


Fig. 59 – “Núcleo Museológico da Cortiça”: Cortiça natural e seus Derivados como matéria de exaltação contemporânea (séc. XX), da Arquitetura Manuelina lisboeta (séc. XVI): A “Torre de São Vicente / Torre de Belém” (1514 – 1520) – “Baluarte defensivo do estuário do Tejo - Esculpida na segunda metade do séc. XX (décadas de (19)50, (19)60 ou (19)70), a réplica de escala reduzida e matéria mista (Cortiça natural e Aglomerado de Cortiça), existente no MSML e totalmente recuperada e reconstruída por Manuel Augusto Fontes, sintetiza parte do programa iconográfico Manuelino e da estrutura arquitetónica simbiótica entre “Torre medíeva e Baluarte moderno” (séc. XVI), da “Torre lisboeta de São Vicente / Torre de Belém” © Arquivo imagético do MSML.

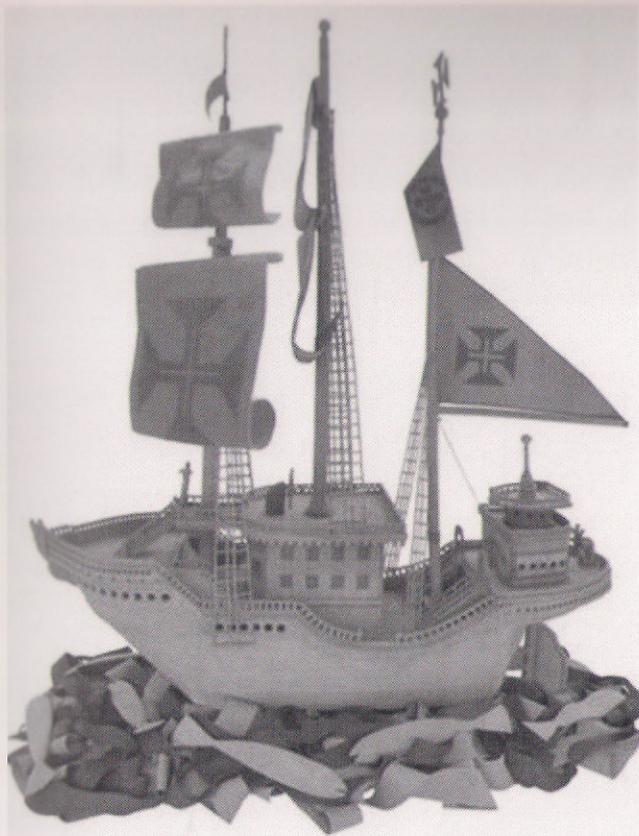


Fig. 60 – “Núcleo Museológico da Cortiça”: Cortiça natural e seus Derivados como matéria de exaltação da História da navegabilidade e “Descobrimientos portugueses” (1415 – 1543): “Carraca / Nau” de término do séc. XV – Embarcação votiva às Campanhas náuticas Orientais - Concebido em meados do séc. XX (décadas de (19)50, (19)60 ou (19)70), este exemplar escultórico de “iconografia náutica”, executado em matéria mista – Cortiça natural e Derivados - totalmente recuperado e reconstruído por *Manuel Augusto Fontes*, apresenta características formais próximas da estrutura de uma “Carraca / Nau” de finais do séc. XV. Dois tipos de navios de vela (de pano “áurico”, “quadrado”, “redondo” e “latino”), de longo curso, usados sobretudo pela “Marinha de Guerra”, ou “Mercante”, em campanhas náuticas Orientais (p. ex. a “Descoberta do caminho marítimo para a Índia”, liderada por *Vasco da Gama* (ca. 1469–1524), e iniciado em 1497). Estilisticamente identificados pelo grande porte, armação redonda, “Castelos de Proa e de Popa” elevados e a posse de dois a quatro mastros – observando-se três mastros principais neste registo artístico © Arquivo imagético do MSML.



Fig. 61 – “Núcleo Museológico da Cortiça”: Cortiça e seus Derivados como matéria iconográfica de exaltação da Identidade nacional e História contemporânea (séc. XX). “Santa Cruz / 17” - Reprodução do Hidroavião monomotor “Fairey III D, n.º 17” - Formal e iconograficamente, esta escultura de vulto e matéria mista (com alguns pormenores de Cortiça natural e um volume alargado de Aglomerado de Cortiça), totalmente recuperado e reconstruído entre 2017 e 2018 por *Manuel Augusto Fontes*, remontará, no seu formato primitivo, à segunda metade do século XX (décadas de (19)50, (19)60 ou (19)70). E pretende reproduzir, numa escala inferior ao aparelho original, mas numa perspectiva estética realista, o monomotor alterado “Fairey III D” (de origem inglesa, datado de 1921), denominado de “Santa Cruz” (após chegada a geografia brasileira), e marcado com a numeração “17”, o terceiro e último aparelho da marca “Fairey”, sucessor do “Lusitânia” e do “Pátria” - perdidos no mar - que, no dia 17 de junho de 1922 amarou na “Baía de Guanabara” do Rio de Janeiro. Concretizando, desse modo, e após início no dia 30 de março de 1922, a primeira travessia aérea do Atlântico Sul (as 4 500 milhas marítimas que distam entre Lisboa e o Rio de Janeiro), operada pelos dois Oficiais da Armada e Aviadores portugueses: “Navegador aéreo”, Almirante *Gago Coutinho* (1869-1958) e “Piloto-aviador”, Comandante *Sacadura Cabral* (1881-1924) © Arquivo imagético do MSML.

No quadro do espírito evocatório desta Coleção e Núcleo que, além de evidenciar as potencialidades desta matéria-prima, reflete a identidade da comunidade local e constitui uma verdadeira herança cultural que o Museu de Lamas visa conservar, estudar, difundir e valorizar de forma integral. Dada a ligação do Fundador do Museu à Indústria transformadora de cortiça, bem como à implantação do Museu em território corticeiro, cumprindo e exaltando o desejo do

Fundador de homenagear esta matéria-prima, ao longo da exposição permanente, têm sido incluídas, desde 2011 e com intuito de expandir o alcance do “espólio corticeiro” do Museu, réplicas, em Cortiça e derivados, das obras mais emblemáticas do acervo - como é o caso do “Núcleo de Escultura Medieval” ou do Núcleo temático “São Sebastião: O Voto | A Identidade | A Arte”, por exemplo.



Fig. 62 – Panorâmica parcial do “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, na sua disposição atual, integrante de parte da “Sala 11 – Sala dos Escultores” do Piso inferior do MSML © Arquivo imagético do MSML.

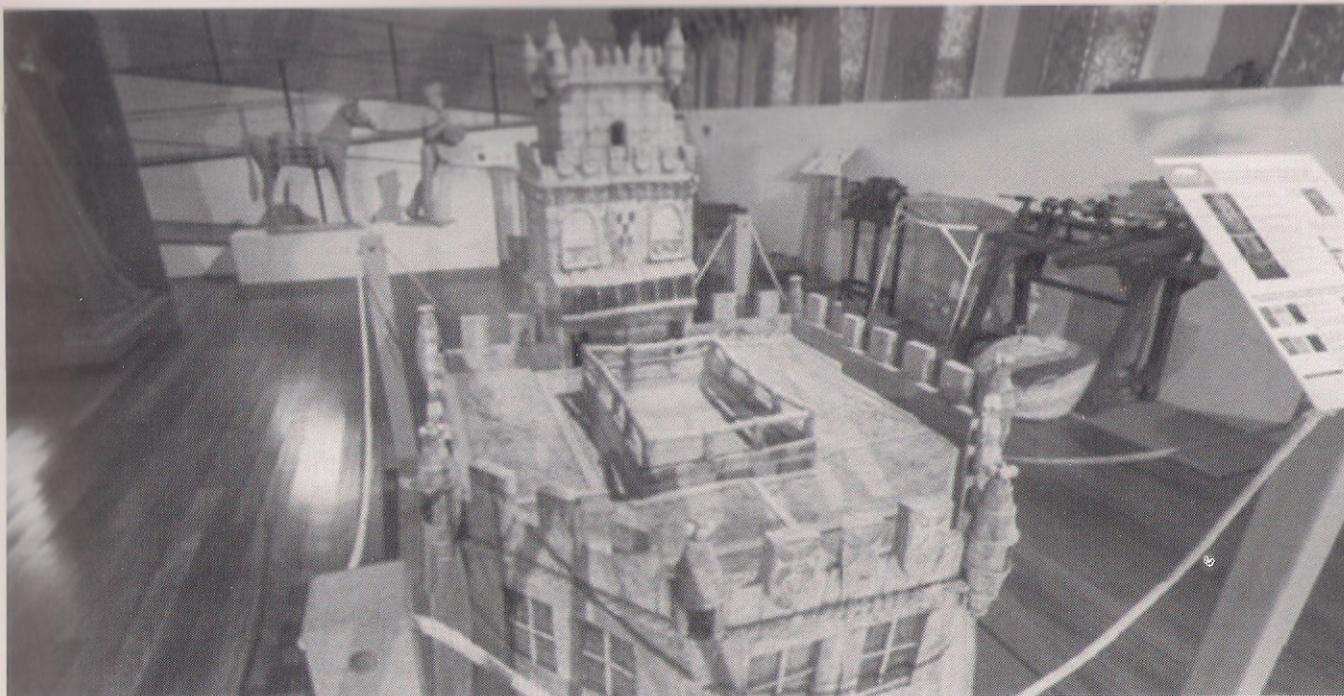


Fig. 63 – Perspetiva de um dos segmentos expositivos do “Núcleo Museológico da Cortiça - Cortiça. Estórias da História”, na sua disposição recente, integrante de parte da “Sala 11 – Sala dos Escultores” do Piso inferior do MSML © Arquivo imagético do MSML.

**Fontes & Bibliografia, correspondentes ao
Capítulo IV - Praeteritum, praesens et futurum -
“Passado, presente e futuro”: “Museu da Cortiça”,
uma “memória popular” que perdura**

Arqueologia Industrial. (s/l). II Série. Vol. I. N.os 1 e 2 (s/d).

BERNARDO, Hernâni de Barros - *A Indústria Corticeira em Portugal (Algumas notas geográficas e económicas)*. Lisboa: (s/n), 1946.

BICHO, Margarida Ferreira – *A Rolha de cortiça. Da floresta à utilização*. Santa Maria de Lamas: APCOR, 2003.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL - *Do montado à fábrica de cortiça. Catálogo da exposição temporária de fotografia de Júlio Pereira Dinis*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, 2001.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL - *Água, fogo, ar, cortiça*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, 2002.

CARNEIRO, Armando - *Visão Panorâmico-social da Indústria Nacional da Cortiça*. Lisboa: Gabinete de Estudos de Divulgação Económica, Social e Turística, 1962.

CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS – *Guia do Museu de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de

Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, 1985.

CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2008.

CLETO, Joel & FARO, Suzana - «Museu de Santa Maria de Lamas, Feira. Um sonho de cortiça». In *O Comércio do Porto. Revista Domingo*. (janeiro de 2000).

CORDEIRO, J. - *Viver a indústria ou a vantagem competitiva da Indústria corticeira nortenha, XXII Encontro da Associação portuguesa de história económica*. (s/l): (s/n), 2002.

CORTICEIRA AMORIM, S.G.P.S.,S.A. - *A arte da cortiça*. Mozelos: Corticeira Amorim, S.G.P.S.,S.A., 2011.

CORTICEIRA AMORIM S.G.P.S.,S.A. - *A Arte da Cortiça*. 2.^a Edição. Mozelos: Corticeira Amorim S.G.P.S.,S.A., 2014.

GONÇALVES, A. Nogueira & DIAS, Pedro - «Lamas». In *História e Arte: Concelho de Vila da Feira*. Vila da Feira (Santa Maria da Feira): Câmara Municipal de Vila da Feira (Santa Maria da Feira), 1979.

DUARTE, Alice - «Nova Museologia: Os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora». In *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS Unirio | MAST*. Vol. 6. N.º 1. [em linha] (2013), pp. 99 – 117. [consult. 13 janeiro 2019]. Disponível na internet: <URL: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/248/239>

GOUVEIA, M. - «Cortiça: uma indústria tradicional virada para o futuro». In *Diário Económico*. (s/l). (junho de 2001).

História da Indústria em Portugal. (s/l). Fascículo XI (janeiro de 1961).

HUDSON, K. - *Ecomuseums become more realistic*. (s/l): Nordisk Museologi, 1996.

Ilustração Portuguesa. Lisboa. II Série. N.º 842 (abril de 1922).

Ilustração Portuguesa. Lisboa. II Série. N.º 853 (junho de 1922).

LIVRARIA CHARDRON / LIVRARIA LELLO – *Almanaque Lello* (1934). Porto: Livraria Chardron/Livraria Lello, 1934.

MATOS, Carla Raquel da Silva & PINTO, Marta Raquel Ferreira - «A Indústria transformadora de cortiça em Santa Maria de Lamas, nos anos 50 e 60». In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. História*. Porto. III Série. Vol. IV (2003).

MAYRAND, P. - «The new museology proclaimed». In *Museum*. (s/l). Vol. XXXVII. N.º 4 (1985).

MINEIRO, Clara [et al.] - *Temas de Museologia: Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004.

NATIVIDADE, Joaquim Vieira - *Subericultura*. Lisboa: Direção Geral dos Serviços florestais e aquícolas, 1950.

OLIVEIRA, M. & OLIVEIRA, L. - *A cortiça*. Mozelos: Corticeira Amorim, S.G.P.S.,S.A., 2000.

PAQUIN, Henry [et al.] - *The Art of Cork*. Lisboa: ICEP - Instituto do Comércio Externo de Portugal / Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça / Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte, 1979.

PEREIRA, H. & COSTA, A. - *Evolução recente da Indústria de cortiça*. Lisboa: Centro de Estudos Florestais, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, (s/d).

REBALLI, J. - *El museo del corcho de Palafrugell: realidades y propuestas*. Palafrugell: Museo del Suro de Palafrugell, (s/d).

REIS, Jaime - «A produção industrial portuguesa, 1870-1914: primeira estimativa de um índice». In *Análise Social*. (s/l). Ano V. Vol. XXII. N.º 94 (1986).

RETECORK - *Retecork. Xarxa Europea de Territoris Surers. Dossier de Presentació*. (s/l): Retecork, (s/d).

RETECORK - *Ánalisis de la Presencia de los Territorios Corcheros en los Catalogos de Operadores Turísticos Europeos*. (s/l): Retecork, 2011.

RIVIERE, G. - «The museum as a monitoring instrument». In *Museum*. (s/l). Vol. XXV. N.os 1 e 2 (1973).

ROCHA, Sérgio Paulo Lopes – *Ciências dos materiais: A Cortiça*. Santa Maria da Feira: ISVOUGA, 2011.

SALDANHA, Nuno - «Arte popular, arte erudita e multiculturalidade. Influências, confluências e transculturalidade na Arte Portuguesa». In *Portugal Intercultural: Razão e Projecto*. Lisboa. Vol. III (dezembro de 2008).

SANTOS, Carlos Oliveira - *Amorim. História de uma Família (1870 - 1997)*. 1.º Volume: 1870-1953. Mozelos: Grupo Amorim, 1997.

SANTOS, Carlos - *O livro da cortiça*. (s/l): Edição de autor, 2000.

SCHULZ, Eva – «Notes on the history of collecting and of museums». In PEARCE, Susan M. [et al.] – *Leicester readers in Museum studies: Interpreting Objects and Collections*. Londres & Nova Iorque: Routledge, 1994.

SILVA, Nuno - *A Cortiça nos debates parlamentares da nação portuguesa (1839-1899)*. Lisboa: Euronatura, 2013.

TWARDOWSKY, Karin – «O Museu de Santa Maria de Lamas». In *Jornal Actual*. (s/l) (maio de 1994).

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas. Ano I. N.º 5 (dezembro de 1974).

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas. Ano II. N.º 6 (janeiro de 1975).

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas. Ano III. N.º 31 (fevereiro de 1977).

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas. Ano IV. N.º 39 (fevereiro de 1978).

